

“Projeto Vazio Visível”

O Ensino das Artes Visuais

Diana Moreira Reis

RELATÓRIO APRESENTADO NA FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO, para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Professor Orientador: Professor Henrique Vaz

Professora Cooperante: Professora Marina Lima Pinho

Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira, ESPINHO

RESUMO

Sendo o Estágio Pedagógico, não só a aplicação da teoria apreendida durante as unidades curriculares leccionadas ao longo do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo e Ensino Secundário e de conhecimentos adquiridos ao longo de todo o percurso de aprendizagem, é também um local de descoberta de novas formas de atuar, de descoberta da própria identidade enquanto docente.

Serve o presente Relatório de Estágio o propósito de ligar a teoria à prática, apresentando o trabalho de projeto desenvolvido durante o mesmo, fundamentando cada decisão tomada ao longo do processo – desde a planificação à sua concretização.

Numa primeira fase deste relatório trabalha-se e pensa-se o conceito de arte pública e a instalação artística no espaço público para depois perceber em que contexto e o porquê da realização de um projeto como a Vazio Visível que trabalhou questões levantadas por esses mesmos conceitos anteriores.

Ou seja, através da análise teórica da arte pública e da intervenção artística passa-se à explanação do que foi o Projeto Vazio Visível, um projeto de intervenção e ocupação artística realizado pelos e com os alunos da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, com quem foi realizado o estágio pedagógico ao longo do tempo passado nesta escola.

Através da análise do trabalho realizado neste projeto pretende-se pensar no trabalho pedagógico realizado com os alunos do 12.º ano do curso de Artes Visuais, realizado na unidade curricular de Oficina de Artes, onde o trabalho como estagiária se foi desenvolvendo ao longo do último ano letivo de 2014/2015.

RÉSUMÉ

Comme ceci est un stage pédagogique, mais non seulement l'application de la théorie saisis pendant les unités de cours enseignés tout au long de la maîtrise en arts visuels dans l'enseignement dans le 3ème cycle et les connaissances acquises tout au long du processus d'apprentissage secondaire, est aussi un lieu de découvertes de nouvelles méthodes de travail, la découverte de la propre identité en tant que professeur.

Sert le présent rapport de stage, lier la théorie à la pratique, présentant le travail de projet au cours de la même, en étayant chaque décision au long du processus - de la planification à sa concrétisation.

Initialement, ce rapport de travail et réfléchir au concept de l'art public et l'installation de l'art dans l'espace public et ensuite voir dans quel contexte et pourquoi la réalisation d'un projet comme Vazio Vizivel qui a travaillé les questions soulevées par ces concepts ci-dessus. Autrement dit, grâce à l'analyse théorique de l'art public et l'intervention artistique va à l'explication de ce qui était le projet Vazio Vizivel, d'une intervention et l'occupation du projet artistique réalisé par et avec des étudiants de l'école secondaire Dr. Manuel Laranjeira, avec qui a été réalisé le stage pédagogique au cours du temps dans l'école.

L'analyse du travail accompli dans ce projet, vise le travail pédagogique avec les élèves de terminal de Arts visuels, tenue dans le cadre de l'atelier Arts, où le travail en tant que stagiaire a été développé au cours dernière année scolaire 2014/2015.

ABSTRACT

By being an educational Internship, it is not only the application of the theory taught during the course's units in the Master's degree of teaching Visual Arts for the 3rd Cycle and Secondary School, and the knowledge acquired throughout the learning process, it is a place of discovery in new ways to act and also a place to discover one's identity as a teacher.

This Intern Report serves the purpose of linking theory to practice, presenting the project that was accomplished during the time being by substantiating every decision made throughout the process - from planning them to their achievement. Initially this report explores the concept of public art and art installation in public space to then be able to see in what context and the reason of the realization of the project Vazio Visível, which worked issues raised by the concepts above.

In other words, through a theoretical analysis of public art and artistic intervention results in the explanation of what was the Project Vazio Visível, an artistic intervention and occupational project accomplished by the students of Dr. Manuel Laranjeira Secondary School, with whom was held the teaching internship during the time at this school.

Through the analysis of the work done in this project we intend to think about the pedagogical work with the 12th year students of Visual Arts, held in the course of Arts Workshop, where my job as an intern was developed throughout the school year of 2014/2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, a toda a equipa da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, à Dra. Ana Gabriela, Diretora da Escola, à Professora Cooperante, Professora Marina Lima Pinho, por todo o apoio e confiança que nos depositou para a realização de todas as propostas que lhe apresentamos, ao Professor Alberto Lírio, ao Professor Manuel Silva e ao Professor Meireles que apoiaram e ingressaram no nosso projeto e a todos os outros professores que nos receberam e apoiaram da melhor maneira no seu núcleo de trabalho, com a maior simpatia possível.

Agradeço da forma mais sincera a todos os alunos da turma do 12.º de Artes Visuais desta escola, que nos receberam de braços abertos e prontos a trabalhar em tudo o que lhes foi proposto.

Agradeço à minha companheira de estágio, Inês Pinto, por ter alinhado nesta loucura de projeto que idealizamos. Obrigado pelo companheirismo!

Agradeço também todo o apoio dado pelo nosso Professor Orientador, Dr. Henrique Vaz, que se mostrou disponível para auxiliar e aconselhar sobre qualquer dúvida e que apoiou todas as iniciativas realizadas no nosso projeto.

Agradeço também a todos os outros Professores do Mestrado que de alguma maneira me prepararam para este percurso e para a integração no mundo profissional.

Agradeço a todos os meus amigos que estiveram sempre presentes e me deram força para terminar este ciclo, em especial à Morgane Nogueira, à Joana Bernardo, à Maria Eduarda Machado e ao Daniel Castro que me apoiaram e não me deixaram desistir e me acompanharam até ao fim, vendo o meu progresso.

E, por fim, agradeço aos meus pais, Deolinda Sousa e Manuel Leal, porque sem eles não teria tido a oportunidade de concretizar um sonho, meu e deles, de me tornar quem sou. Espero que, agora, estejam orgulhosos!

A todos um sincero obrigado!

ÍNDICE GERAL

Resumo	3
Résumé	5
Abstract	7
Agradecimentos	9
Índice Geral	11
Índice de Anexos	13
Introdução	15
A Arte Pública: a intervenção artística no espaço público	19
O Projeto Vazio Visível como instrumento de investigação	25
As fases do Projeto Vazio Visível	35
1.ª Fase do Projeto Vazio Visível – “Inauguração do Projeto Vazio Visível”	35
2.ª Fase do Projeto Vazio Visível – “(Re)Abertura do Projeto Vazio Visível”	45
A experiência pedagógica no Projeto Vazio Visível	53
As estagiárias, os alunos e os professores	53
Os artistas, os comerciantes e os visitantes	59
Conclusão	61
Bibliografia	65
Webgrafia	67
Anexos	69

ÍNDICE DE ANEXOS

1 – Matriz da Sinopse a entregar ao Projeto Vazio Visível	71
2 – Imagem gráfica do Projeto Vazio Visível	73
3 – Planificação da Proposta de Trabalho “Vazio Visível”	75
4 – Comentários das diferentes representações ao Projeto Vazio Visível	83

INTRODUÇÃO

Neste relatório pretende-se pensar o trabalho de projeto e a relação da escola e da comunidade e de que forma estas ligações podem ou não ser propícias ao desenvolvimento e crescimento dos indivíduos envolvidos. O trabalho de projeto, neste caso, foi a ferramenta de trabalho escolhida para se desenvolver o estágio pedagógico. Através desta metodologia de trabalho, escolhida por nós, estagiárias, e pela professora cooperante, devido à sua forma esquematizada de organização de propostas e tarefas, foi a utilizada para desenvolver o trabalho com os alunos em questão. A relação entre a escola e a comunidade foi um mote de trabalho e de evolução, surgido pela necessidade de extravasar os limites físicos da instituição escola, para envolver terceiros na construção de um percurso académico que poderia vir a fortalecer e a enriquecer as competências ganhas pelos alunos no desenvolvimento do projeto proposto e do trabalho realizado ao longo do ano letivo.

No primeiro capítulo explicarei e fundamentarei o projeto do ponto de vista teórico. Estará aqui presente o porquê da escolha e da construção deste projeto, a sua ligação com o conceito de arte pública, a utilização de não-lugares, e a importância da intervenção artística no percurso escolar de formação de um aluno.

No seguinte, segundo, será falado sobre como nasceu o Projeto Vazio Visível e de que forma foi pensado e planeado de forma a informar o leitor em que contexto é que acontecerá todo o Estágio Pedagógico.

Num terceiro capítulo serão descritas as fases em que este foi dividido e todos os eventos que este projeto acolheu entre os meses de Janeiro e Julho de 2015. O capítulo seguinte, quarto, destinar-se-á a refletir sobre a experiência pedagógica presente no Projeto e sobre todos (estagiárias, alunos, professores, artistas, comerciantes e visitantes) que participaram na construção do projeto, partindo de comentários que representam as devidas categorias de indivíduos – “representações”.

Seguir-se-á a conclusão, aonde pretendo retirar pontos significativos da minha aprendizagem enquanto estagiária na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira. Tem-se como objetivo utilizar o Projeto “Vazio Visível” como instrumento de investigação para refletir acerca das diferentes representações que podem ser criadas e estar presentes na construção de um projeto de intervenção artística. Foi possível através deste projeto envolver diferentes indivíduos com diferentes formações e provenientes de diferentes contextos sociais e profissionais que proporcionou aos alunos e a todos os intervenientes, perspetivas de trabalho e de conceitos que um trabalho confinado ao espaço físico da Escola não o permitiria devido às restrições de espaço e de sujeitos presentes no seu espaço. O projeto foi desenvolvido no âmbito do estágio pedagógico na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, a partir da disciplina de Oficina de Artes. Ao pensar na forma de concretização desta proposta de sensibilização e de certa forma de divulgação do curso em questão foi proposto realizar um projeto que levasse a Escola e a comunidade escolar fora das fronteiras da própria e fazer com que um dos projetos fosse realizado quase na sua totalidade fora do espaço comum de sala de aula.

Na planificação do projeto é referido que a relação/ligação entre a escola e a comunidade seria um dos aspetos relevantes a salientar, pretendendo-se intervir, dinamizando espaços do município de Espinho, de modo a incutir aos alunos e à comunidade em geral, um sentido de iniciativa própria na construção permanente da sua cidade. Sendo estes jovens indivíduos em permanente crescimento devido à sua envolvência nos meios de ensino e formação é importante que percebam que a sua presença, a sua opinião e o seu saber-fazer assim como as suas maneiras de pensar podem, e devem, ser tidas em conta para que se construa uma nova sociedade centrada no envolvimento de todos os sujeitos da comunidade para que seja possível um crescimento de ideias e projetos a desenvolver, neste caso, no campo das Artes Visuais, área menosprezada e tida como menor na sociedade atual.

A temática do projeto “Vazio Visível” incide na lógica de que sendo o Mercado um espaço comunitário, infraestrutura que converge num átrio central de onde divergem todas as restantes ligações para todo o edifício, existente desde 1914,

onde coexistem vendedores de diversos produtos distribuídos por 29 espaços comerciais distintos, vinte e dois dos quais acessíveis da parte exterior do edifício, e sete dos quais interiores, à partida vivido, quer pelos comerciantes locais quer pela comunidade espinhense que em tempos antigos frequentava diariamente o espaço e que nos tempos que correm ignoram tal infraestrutura presente bem no centro da cidade de Espinho, tem a dualidade de coexistir fisicamente e funcionalmente de forma distinta. Ou seja, é perceptível que está vazio por quem o conhece, impercetível à comunidade que o rodeia, tornando-se pouco útil. Os vazios disponíveis neste edifício poderiam ser reaproveitados como um espaço intimamente associado ao mundo artístico lembrando aos espinhenses o percurso diário pelo mercado.

Esta iniciativa, segundo a sua planificação, potencia o Mercado como um espaço de encontro da comunidade onde se proporciona uma troca de experiências e cultura, estimuladas tanto pelas exposições e intervenções artísticas, como pelo convívio, interação e partilha.

Este projeto assenta num princípio de troca de opiniões, de reflexões e análises partilhadas sobre o que estará a acontecer, a nível artístico, político/ social ou mesmo pessoal, sobre as intervenções/ instalações que foram sendo realizadas e sobre a tentativa de levar a “arte” às comunidades e o que este *cliché* poderá significar para todos os que estão envolvidos, tentando criar um espaço não só de depósito de trabalho (de alunos, ex-alunos, professores e/ ou artistas) mas também um espaço de cumplicidade e intervenções co partilhadas entre o artístico e o público.

O processo de trabalho passa pela execução de projetos artísticos, organização de palestras e workshops, residindo aqui um desafio aos próprios alunos, os quais poderão cair no habitual processo de responderem a um papel de executantes de trabalhos artísticos que responderão a uma proposta de trabalho e de meros espectadores no que diz respeito a palestras e workshops que serão planeados por terceiros, ou seja, pretende-se pôr em causa a forma como se pode repensar a posição dos alunos face a este projeto que lhes é apresentado e imposto pela figura do professor, e secundariamente, pela figura das estagiárias.

Ao se pôr em causa de que forma este projeto foi pensado, construído e planeado, penso de que forma é que os alunos têm a oportunidade de fazer com que este projeto se torne em algo que lhes pertence e não serem meros executantes de algo que lhes é pedido.

Este projeto tendo sido uma ideia desafiadora em termos de aprendizagem para os estudantes transcenderem o que é proposto pelo currículo obrigatório da Escola, passou a ser tido em conta como um projeto que levará à implicação de vários artistas, ex-alunos e atuais alunos desta Escola a envolverem-se em intervenções culturais e em estreita cumplicidade com a população envolvente que confere a identidade atual do espaço escolhido como aquele onde intervir. Apesar de este desafio ser apresentado como externo ao estágio pedagógico tornou-se importante conseguir responder a um défice da Escola e dos alunos, quanto a atividades que os levasse a pensar além do comum realizado em contexto de sala de aula e ao mesmo tempo encontrar um projeto onde os alunos fossem capazes de se desenvolver enquanto indivíduos ligados às Artes, e que fosse capaz de lhes proporcionar experiências de enriquecimento pessoal, social e artístico, preparando-os para o mundo do trabalho, ao mesmo tempo que os levaria a refletir sobre o espaço das artes no quotidiano, pondo-os em contacto com artistas e respondendo à necessidade da Escola e ao mesmo tempo proporcionar aos alunos uma experiência até agora inexistente no percurso escolar deles como este projeto de intervenção e ocupação artística, o Projeto Vazio Visível.

Um projeto como este proporcionou aos alunos um enriquecimento tanto a nível pessoal como académico já que permitiu uma construção de saberes fazer que estando num contexto de sala de aula seria impossível já que os alunos nunca teriam a oportunidade de lidar com os diferentes tipos de indivíduos e situações com que se foram defrontando ao longo do tempo em que estiveram envolvidos no Projeto.

A ARTE PÚBLICA: A INTERVENÇÃO ARTÍSTICA NO ESPAÇO PÚBLICO

“Não há espaço onde os seres humanos , falando e agindo na sua pluralidade , possam comparecer perante o outro e perceber o poder que eles têm simplesmente de estar juntos, e certamente não existe tal espaço na maioria das escolas.”

(Greene, 1982, p. 4)

A consideração do espaço é reflexo das relações de poder, produzidas pelas relações sociais, o espaço deixa de ser uma “identidade física concreta no qual se movimentam os nossos corpos” (Cruz C. , 2005) para ser um espaço de ação de vários grupos sociais que o habitam e dominam. O desejo de encurtar a distância entre a arte e o público e entre a arte e a vida, levou a um movimento que lutou pela democracia cultural e que passa a reconhecer a arte como algo útil.

A nova fase de arte pública e de intervenção no espaço público trouxe novos objetivos como consciencializar, convidar ao diálogo e transformar a cultura, utilizando a auto consciência do sujeito como mais um passo para a tomada de consciência coletiva.

A arte no espaço público traz uma nova vida às ruínas, partindo de princípios que permitem aos seres humanos agir em comunidade e serem reconhecidos por aquilo que fazem. A cor, as formas, os estilos e as identidades proporcionam um novo olhar sobre aquilo que anteriormente não tinha protagonismo e ao mesmo tempo, renovam um espaço através da arte e não do tijolo e do cimento.

A intervenção artística no espaço público pretende propor desafios à inteligência e à imaginação, ou seja, ao complexo de conhecimento constituído da articulação entre as dimensões estética, artística, cultural e social dos seus leitores/espectadores.

Um projeto de intervenção artística pode proporcionar um motivo de interação social, um diálogo entre a obra, o público e o espaço, tornando evidente o modo como este é ocupado e se relaciona com os utentes do mesmo.

O artista traz a figura do indivíduo para o processo de trabalho logo desde início, redefinindo assim a relação entre o artista e os espectadores, e consequentemente, entre os espectadores e a obra.

O local escolhido e intervencionado, no caso em estudo, vazio, solitário e descaracterizado, pode transformar-se quando posto em contacto com algo diferente do usualmente destinado ao seu fim.

O conceito de arte no espaço público consegue abranger atividades como instalações artísticas ou performances, de forma a revitalizar um espaço até então subaproveitado, utilizando a união entre a arte e o espaço como fundamento para a manifestação de críticas, consciencializando o público quanto a problemas políticos e/ ou sociais.

A arte quando apresentada fora do espaço “museu” é redefinida por se apropriar do mesmo, criando uma estreita relação entre esta, a arte, e a sociedade. Ou seja, ao se desmobilizar para um contexto diferente é reinterpretada, do ponto de vista do espectador, consoante o contexto social em que é inserida. Tornam-se alvos dos espectadores alheios, que percebem a obra, como o seu criador, mas também se deparam com um tipo de arte que modifica a paisagem envolvente de modo permanente ou temporário.

Para um desenvolvimento do ensino das artes visuais através de iniciativas como as intervenções artísticas é importante ter em atenção que talvez “o foco do problema, então, é ativar as escolas e comunidades para conduzir o seu próprio desenvolvimento do conhecimento, aproveitando as organizações culturais como um dos vários recursos de valor, de maneira a que a energia da comunidade e a energia da instituição cultural possam alimentar-se mutuamente, em vez de se esgotarem uma à outra.” (Barbosa & Coutinho, 2008, p. 306)

Sendo o Projeto em estudo, e a organização Vazio Visível, um projeto que pretende ativar sinergias entre a comunidade escolar e a sociedade que a rodeia, foi importante dar a entender à instituição Escola o porquê de um projeto como este, mostrando-o durante o curso deste, o quão importante será que o

“estudante compreenda o valor da produção artística com a sua gama ampla de assuntos sociais na dialética da história e olhe para o que produziram e produzem artistas de diferentes culturas” (Barbosa & Coutinho, 2008, p. 338).

“A arte pública diz-se também que transforma sítios em lugares, tendo em conta que sítio é o espaço físico, com a sua história e contexto e lugar é o mesmo espaço vivido”. (Cruz C. , 2005; Cruz H. , 2015) O artista aproxima e leva à reapropriação de um sítio pelos seus utentes para que este se torne num lugar, propondo, através de intervenções artísticas “inclusivas, de colaboração, que ouça, partilhe, canalize” (Cruz C. , 2005), de modo a que o produto final apresentado seja sentido como também sendo da coautoria da comunidade circundante. Segundo Lacy (2005)

“é arte pública, arte tradicional em espaço público, quando chama a atenção para as características ou funções particulares do lugar onde intervém; trabalhos executados especificamente para um local, coletivos ou feitos em colaboração e que envolvam a comunidade, ainda que apenas no levantamento de dados; murais; performances e rituais fora de locais tradicionais de arte e que chamam a atenção para o lugar; transformações ambientes do lugar; arte de intervenção política; arte que passe nos grandes meios de comunicação: postais, selos, jornais, rádio, internet, etc.”

No caso do Projeto Vazio Visível, projeto este de intervenção e ocupação artística foram notórios todos este “requisitos” para que o que foi realizado no projeto pudesse ser considerado arte pública, já que na agenda do projeto encontram-se registos de trabalhos estudados e realizados especificamente para o local onde iriam ser inseridos e onde se refletia o exato ambiente que os circundava. Individuais, coletivos ou feitos de forma colaborativa com a comunidade, existiram murais a serem realizados, performances a denunciar o estado de degradação e abandono em que se encontrava o espaço ocupado pelo projeto. Transformações de determinados ambientes em outros de registo

imaginário e todo o nosso percorrer de diferentes intervenções, performances e/ou atividades foram sendo reconhecidas por muitos meios de comunicação, tanto regionais como nacionais, como forma de revitalizar e dar uma nova vida utilizando a arte como meio de chegar a esse fim, vizinha do lado dos comerciantes do talho, das frutas, das flores.

Segundo Augé (1992), um não-lugar define-se por não ser identitário, nem relacional ou mesmo histórico, ou seja, não se apresenta com uma identidade certa ou reconhecida, onde não existem relações e onde não existem factos históricos que o marquem (no caso do Mercado Diário de Espinho, espaço que recebe o Projeto Vazio Visível, estes factos são tão distantes que esmoreceram da memória de todos).

O espaço do Mercado Diário de Espinho, espaço este que antigamente se encontrava cheio de vida, com todos os seus espaços consumidos pelas vendedeiras locais e pelo bulício próprio das vendas locais já que todo o negócio local se centralizava naquele espaço, tornou-se um espaço esquecido e devoluto, sem vivências para contar e que aos que passam transmite estranheza e abandono.

Um espaço considerado de todos, amplamente aberto ao exterior, convidava a todos a entrarem e a conhecerem o que lá se vendia, transformou-se na última década, devido a alterações a nível arquitectónico, num espaço fechado sobre si próprio e segundo aqueles que daquilo fazem vida, um espaço que dá medo de percorrer devido à sua escuridão e efeito labiríntico que adquiriu com as novas renovações e divisões que deram outra forma de ser ao espaço antes comum e agora impessoal.

Poderia também ser considerado um não-lugar, pelo facto de ser um lugar transitório que não possui significado suficiente para ser “lugar”, que por força do atual ritmo da sociedade e das mudanças inerentes, transformou tal espaço num sítio de passagem, que devido ao ritmo de vida mecânico deixa o indivíduo sem qualquer ligação emocional ou social sobre o que lá se encontra.

Atualmente os lugares perdem cada vez mais o seu espaço, não se tornam em não-lugares, mas sim o vazio marcado pelo abandono e perda de identidade

histórica em que a sobre modernidade não reflete um sinónimo de evolução humana, mas sim uma demonstração de afirmação temporal e de poder.

A arte pública procura então exprimir identidades, desde a criação de uma crítica à sociedade, à produção da arte como instrumento de mudança, procura melhorar a coesão social e a qualidade de vida pela melhoria da paisagem urbana, contando sempre com a participação dos utentes do espaço na tomada de decisão.

“Não chamamos, portanto, arte pública a qualquer objeto que se instale no espaço urbano mas “às práticas artísticas e culturais que precisamente se dão por missão a produção de domínio público, entendendo-se para tal a produção de um espaço que dê aos cidadãos oportunidade de se encontrarem, discutirem e decidirem, através de processos de diálogo, sobre assuntos comuns que lhes digam respeito.” (Cruz C. , 2005)

A arte pública pode trabalhar “a valorização e pontuação de lugares de memória onde as memórias urbanas ou rurais subsistem ou aqueles que se encontram em risco de apagamento.” (Abreu, 2005)

Se pensarmos numa forma de arte que é pensada e construída para determinado espaço, tendo em conta a sua localização (*site specific*), a arte pública pode também atuar como um conteúdo que pode assumir ou refletir os conteúdos que trabalha, temáticas e problemáticas, que se relacionam com o domínio público, a partir de uma ideia de um entendimento ou posicionamento, numa perspetiva de análise e de questionamento social e político.

A arte pública, passa a ser entendida então como uma “atuação que visa intervir de forma criativa no processo de consciencialização, de conceptualização e de discussão, do que constituem a esfera da intervenção artística e a esfera do domínio público”. (Abreu, 2005)

O PROJETO VAZIO VISÍVEL COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO

No âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo e Ensino Secundário, e do estágio realizado na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, em Espinho, foi proposto, pela Professora Cooperante, pensar e criar uma proposta de trabalho que integrasse a disciplina de Oficina de Artes, onde desenvolveríamos o trabalho de estágio.

“No projeto pergunta-se, investiga-se, problematiza-se, questiona-se, sente-se, valoriza-se, exterioriza-se, partilha-se, duvida-se faz-se, realiza-se, avalia-se, decide-se, produz-se, constrói-se.” (Cortesão, Leite, & Pacheco, 2002, p. 36)

No seguimento desta oportunidade de desenvolver algo pensado e planificado pelas estagiárias, pensamos, em conjunto, num projeto que pudesse despertar nos alunos um interesse diferente pelas Artes, que os levasse a trabalhar além do que para eles seria regular, responder a uma proposta de trabalho.

Esta foi uma oportunidade para percebermos como poderíamos adaptar o currículo da disciplina

Para que fosse possível realizar um trabalho que, de uma ideia inicial pudesse ser transportado para o decorrer do 2.º Período até ao fim do ano letivo, fomos levadas a pensar num trabalho de projeto que iniciasse com uma etapa de investigação e exploração conceptual e material a nível individual pelos alunos e que depois fosse transportado para fora do contexto de sala de aula, a um nível de trabalho de grupo mediante a organização de um trabalho de intervenção artística no espaço do Mercado Diário de Espinho.

Nesta fase do projeto os alunos foram levados a estabelecer relações com o que lhes era empiricamente proposto pela professora e pelas estagiárias e com o que os rodeava em termos de contexto social e mesmo ao nível de recursos materiais que teriam necessidade de utilizar.

O projeto cresceu consoante o trabalho dos alunos de investigação sobre o que seria uma intervenção/ ocupação artística e que relacionamento poderia vir a ter com o espaço que estava à nossa disposição para intervir. Ou seja, todo o trabalho de terreno, no Mercado Diário de Espinho, foi previamente planeado e estudado através de uma investigação por parte dos alunos acerca do que aquele espaço representava na sociedade em que estavam inseridos, que potencialidades teria para lá desenvolverem o seu trabalho e que prós e contras teriam que ultrapassar para conseguir responder ao desafio que lhes era proposto.

Ao analisar o programa de Oficina de Artes fomos sendo confrontadas com um ponto em comum ao longo de todos os módulos de trabalho constituintes do Programa, a “apresentação dos trabalhos à comunidade escolar” (Gonçalves & Alírio, 2005, pp. 12, 13, 14 e 16).

Este ponto de “Sugestões Metodológicas” foi algo que levou a uma certa reflexão para a planificação e realização do Projeto em causa, o Vazio Visível.

“Os projetos pedagógicos são uma via privilegiada de ação para todos os que investigam uma transformação dos sistemas de formação e que pensam que esta transformação passa também pela paciente realização de mudanças muito concretas, com uma amplitude muitas vezes limitada, mas implicando na sua condução os atores diretamente interessados e tocando-os nas suas atividades quotidianas”. (Barbier, 1993)

Ao ser colocada em questão a possibilidade de realizar um projeto com os alunos do 12.º ano, no âmbito da unidade curricular de Oficina de Artes, foi então pensado um projeto que pudesse transformar o seu quotidiano no contexto da Escola e que levasse os alunos a utilizar uma metodologia e objetivos de trabalho diferentes do que o programa curricular da disciplina propunha, que seria apresentar, somente, os trabalhos realizados no final de cada proposta, à comunidade escolar, levando-os a interagir com um núcleo de pessoas, opiniões e experiências muito mais abrangentes do que o que seriam

confrontados limitando-se ao núcleo escolar; pusesse em causa o sistema de organização do programa curricular da disciplina e a planificação de uma proposta de trabalho.

“Poderá o trabalho desenvolvido em projeto constituir uma das propostas que contribua para oferecer aos alunos essa possibilidade de, para além de adquirirem conhecimentos, se desenvolverem e se interessarem pelo que estão a fazer na Escola?” (Cortesão, Leite, & Pacheco, 2002, p. 11)

A planificação deste projeto de intervenção e ocupação artística pretendeu, desde o seu início, promover uma metodologia de trabalho que não terminasse com uma “apresentação de trabalhos à comunidade escolar”, mas que extravasasse esse único objetivo final, recorrendo a uma mudança de método de trabalho consistente, através da apresentação de uma proposta de trabalho a realizar segundo determinados parâmetros de avaliação, regras apresentadas e dentro do percurso temporal determinado e de um contexto de sala de aula, circunscritos pelo professor da unidade curricular em questão. A planificação deste projeto tinha como alicerces a mudança num sistema rotineiro de leccionar a unidade curricular de Oficina de Artes e criar a possibilidade de dinamizar um programa curricular, muitas vezes apresentado como um manual ao professor da disciplina a que se destina e torná-lo capaz de ser suficientemente maleável para ser integrado num projeto que não teria que ser diretamente ligado a um “projeto-escola” mas que, na verdade, partiu de uma ideia de responder a uma proposta externa vindo da instituição Escola, elevando-o a um patamar de troca de conhecimentos e experiências muito para além da resposta a um programa curricular.

Foi então idealizado e planificado um projeto que fosse capaz de assimilar vários intervenientes e que estes fossem capazes de funcionar harmoniosamente em conjunto criando uma sinergia de vivências e experiências capazes de elevar o trabalho artístico desenvolvido no contexto do Vazio Visível, entre alunos, artistas e professores que de alguma forma ambicionassem uma tomada de

posição face ao ensino das artes visuais no sistema educativo e que levasse a uma mudança de estereótipos no que diz respeito ao desenvolvimento não só escolar como pessoal dos possíveis futuros artistas a ingressar no quotidiano artístico após a sua saída do ensino secundário. Ou seja, foi pensado um projeto que fosse capaz de mobilizar os interesses das instituições envolvidas (a Câmara Municipal de Espinho e o Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira), os planos pedagógicos e os administrativos, e onde fosse possível articular experiências de formação, profissionais e sociais. Foi pensado que utilizando os recursos das instituições acima frisadas, conciliando-os com a intenção de melhorar as experiências dos alunos para os quais o projeto foi pensado, fosse possível idealizar e planificar um projeto que visasse o crescimento não só das instituições - por adquirirem uma experiência a nível de projetos artísticos -mas ao mesmo tempo articulá-los com indivíduos em formação e ao mesmo tempo com indivíduos já formados na área artística, proporcionando assim uma troca de conhecimentos inerentes a este projeto.

Este projeto assentava também na ambição de desenvolver competências sociais dos discentes e docentes envolvidos, como a comunicação, o trabalho em equipa, gestão de conflitos, tomadas de decisão e avaliação de processos, desenvolver o aprender fazendo, ligando a teoria à prática e fomentando a interdisciplinaridade, aprender a resolver problemas partindo de situações e de recursos já pré existentes e, de uma forma mais genérica, proporcionar aprendizagens e desenvolver as múltiplas capacidades dos alunos.

Com o planeamento e execução de um projeto de intervenção/ ocupação artística, como o Projeto Vazio Visível pretendia ser, existiu a intencionalidade de romper com uma pedagogia tradicional de produção por proposta de trabalho e em contexto de sala de aula, uma necessidade de inovar de forma a captar o interesse dos discentes, de articular os saberes escolares e os saberes sociais de forma a criar uma ligação mais abrangente entre os conhecimentos obtidos no contexto da Escola, centrados num conhecimento académico, e aqueles só possíveis de ser obtidos lidando com as mais diferentes situações e nos mais diversos contextos, uma vontade crescente por toda a equipa de humanizar o clima das escolas, aproximando a figura do professor e do aluno fazendo-os

conviver num espaço que não o institucional, permitindo aos alunos uma transversalidade na troca de conhecimentos e na relação com todos os envolvidos, já que o espaço que era apresentado surgia como uma experiência igualmente nova para todos e com um cariz experimental para todos os sujeitos envolvidos, proporcionando experiências sociais de níveis diferentes, pondo o aluno num papel diferente do habitual, dando-lhe espaço para assumir uma função independente e capaz de tomar as suas decisões sobre a forma como atuar e como se movimentar num projeto como aquele, dando-lhes a possibilidade de se relacionarem com os artistas, tirando o máximo de saberes possíveis num meio de trabalho como o que lhes era proporcionado, tornando as suas vivências e as suas experiências parte fundamental do processo, tirando mais proveito das potencialidades de cada um, tendo em conta que num contexto de sala de aula, o campo de expansão de conhecimentos e do fazer se torna circunscrito ao espaço e ao tempo de cada disciplina, o que diminui em todos os sentidos a possibilidade de crescimento e expansão no que diz respeito à formação de cada indivíduo enquanto artista. Esta expansão do campo de trabalho e a desconstrução da hierarquização que a Escola logo à partida pressupõe, permite aos alunos, jovens artistas, retirar das relações pessoais e sociais todo um conhecimento, um saber fazer, um saber pensar, que tendo as restrições impostas face ao campo de trabalho da sala de aula e à hierarquização, não o permitiria. A abertura que o projeto criou face a todas as imposições que a Escola obriga permitiu uma transversalidade a todos os níveis, fazendo crescer relações pessoais e de trabalho, impossíveis ao contexto da sala de aula.

Esta proposta de trabalho em forma de trabalho de projeto foi importante na medida em que permitiu um trabalho mais próximo com os alunos de Oficina de Artes, tornando-o parte do quotidiano de cada um visto que foi sendo trabalhado, projetado e construído segundo o ritmo de cada indivíduo participante (estagiárias, alunos, professores e artistas), criando uma simbiose de experiências e conhecimentos, tentando construir um percurso académico mais rico e dinâmico para os alunos participantes.

Segundo Castro e Ricardo (1994), o trabalho de projeto pode ser dividido em várias fases:

- “1. Escolha do problema;
2. Escolha e formulação dos problemas parcelares;
3. Preparação e planeamento do trabalho;
4. Trabalho de campo;
5. Ponto de situação;
6. Tratamento das informações recebidas;
7. Apresentação dos trabalhos;
8. Balanço.”

No caso do Projeto Vazio Visível, as fases apresentadas por Castro e Ricardo para o desenvolvimento do trabalho de projeto, devido ao núcleo do mesmo, subdividiu-se em diversas equipas de trabalho que abrangiam os vários núcleos e fases decisivas para o bom funcionamento do projeto, não se tratando de um trabalho de projeto circunscrito a um único meio de atuação e sim abrangente a várias núcleos de trabalho capazes de preparar e planear todos os problemas parcelares subjacentes ao projeto.

Quanto à escolha do problema, partiu de uma constatação da existência de um espaço vazio e de uma interrogação quanto ao porquê desse esvaziamento e para quê/ por quem poderia ser ocupado, e por consequência, de um questionamento sobre a possibilidade deste mesmo espaço poder ser utilizado como um espaço propício ao desenvolvimento de atividades e projetos artísticos que pudessem, de alguma forma, enriquecer o percurso não só escolar mas artístico e pessoal de cada indivíduo envolvido no projeto.

Ao encarar esta problemática inicial partiu-se da observação do que já era existente no contexto espacial onde estava inserida a Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, ou seja, na freguesia de Espinho, e que foi visível a falta de iniciativas a nível cultural, capazes de abranger um núcleo tão diversificado como o Projeto Vazio Visível tencionava abranger, que seriam não só os alunos do ensino secundário artístico, mas também o 2.º e 3.º ciclos, ex-alunos,

professores, ex-professores, artistas e a comunidade em geral que estivesse interessada em ingressar neste projeto de intervenção e ocupação artística.

O Projeto Vazio Visível desafiou, continuamente, ao longo do tempo do seu funcionamento, os utentes do Mercado Diário de Espinho , uma infraestrutura recuperada e praticamente vazia, e a comunidade em geral, a responder de modo participativo à necessidade de devolver vivências socialmente relevantes a um lugar, criando movimento, dinâmica, despoletando relações e proporcionando um ritmo de vida diferente reconhecível pela comunidade e redescoberto de uma forma distinta à que estaria a ser desenvolvida até então, tendo deixado aquele espaço inutilizado, inicialmente destinado ao comércio, passar a ser utilizado com um outro objetivo, uma ocupação artística, criando um choque e uma estranheza que levasse toda a comunidade a reparar e a ter curiosidade quanto àquele espaço até então esquecido .

Neste seguimento, foram sendo feitos desafios e convites a artistas que quisessem fazer parte desta comunidade do Vazio Visível e que estivessem interessados em desenvolver algum tipo de trabalho, que tivessem interesse em preparar e planear as atividades neste espaço.

O espaço é muitas vezes um local invisível, abandonado e transformado pelos anos que o envelhecem. Um espaço que teve uma identidade, uma vida, que suportou vidas ou que existiu, simplesmente. Quando abandonado, o espaço deixa de ser espaço pois perde a sua identidade tornando-se anónimo. É vazio que não foi e cheio de memórias que aos olhos de quem não conhece, são invisíveis.

Ao longo do tempo foram sendo desafiados docentes e discentes a organizar iniciativas que pudessem integrar o plano de trabalhos do projeto (trabalho de campo), a nível cultural, nas mais diversas áreas (artística, gastronómica...), que pudessem ser pensadas e realizadas fora do contexto da sala de aula e ao mesmo tempo interligar esse contexto escolar com o projeto, criando uma simbiose de trabalhos e objetivos, favoráveis tanto a nível escolar como a nível extra curricular.

O Projeto Vazio Visível durou entre os meses janeiro e junho de 2015, e durante todo este período de tempo, o projeto foi passando por várias fases e sofrendo

alterações a que o próprio obrigava consoante o ritmo de intervenção pelo qual era sujeito pelos seus intervenientes.

A preparação e o planeamento do trabalho neste projeto foi um ponto recorrente ao longo do Vazio Visível já que este foi subdividido em duas fases, para que fosse possível, entre elas, fazer pontos de situação face ao trabalho que estava a ser desenvolvido, para que fosse possível agregar o máximo de iniciativas e intervenientes para que este não-espço, ao longo do tempo, fosse tornado um espaço reconhecido e vivido não só pela comunidade do Mercado Diário de Espinho mas por todos aqueles que de alguma forma se interessassem em tornar aquele espaço num espaço seu.

Esta preparação e planeamento passava pelo contacto com diversos artistas, discentes e docentes, em que todos eram desafiados a ser partes constituintes do projeto e a eles próprios proporem algo a ser desenvolvido neste contexto e neste espaço.

O planeamento do trabalho e/ ou das atividades passava por uma proposta de trabalho que era apresentada a uma equipa que geria o funcionamento do espaço e do projeto e que no seguimento propunha ao interveniente a realização de uma sinopse (Anexo 1) que representaria a sua proposta de intervenção no Mercado Diário de Espinho, para que esta equipa tivesse a oportunidade de tratar a informação recebida e distribuir as atividades ao longo do tempo do projeto.

Esta proposta passava por uma análise da parte da equipa do Vazio Visível, composta por professores da área das Artes Visuais da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira e por nós, estagiárias, onde se pensava o tipo de trabalho e a respetiva componente estética apresentada pelo artista, o conceito e os objetivos do trabalho proposto, o espaço necessário e o regime de utilização do mesmo, a periodização e outras particularidades como materiais, possíveis parcerias, segurança, etc.

Nesta sequência era combinado um encontro com o artista interessado em participar no Projeto onde se finalizavam as propostas e onde se combinava o início de cada intervenção.

O artista dava início à sua intervenção artística, ocupando um determinado espaço do Mercado Diário de Espinho e trabalhava conforme o ambiente e o espaço que lhe era atribuído.

Muitos dos artistas e, mais tarde, os alunos, que intervieram no espaço físico do Mercado Diário de Espinho passaram por uma fase de trabalho de campo em que procuraram perceber o contexto social, político e espacial em que estavam inseridos para que o desenvolvimento do seu trabalho pudesse, de certa forma, não existir por si só mas em conjunto com tudo o que os rodeava.

O facto de artistas, alunos e professores conviverem e trabalharem num mesmo espaço possibilitou a troca de experiências e conhecimentos que desenvolveram as mais diversas capacidades, tanto sociais como pessoais e artísticas, tornando a experiência muito mais enriquecedora para todos os intervenientes. Para os alunos, em particular, foi importante terem um espaço em que pudessem eles próprios desenvolver o seu trabalho num mesmo ambiente em que os artistas desenvolviam o seu, porque foram sendo confrontados com métodos e técnicas de trabalho que os poderiam ajudar no desenvolvimento do seu percurso escolar e artístico.

O Projeto Vazio Visível foi dividido em duas grandes fases – a “Inauguração do Projeto Vazio Visível” e a “(Re)Abertura do Projeto Vazio Visível” - de ocupação artística para que fosse possível, ao longo do tempo, adaptar e melhor intervir naquele não-espaço disponível para este projeto. Estas duas grandes fases foram sendo subdivididas por momentos pontuais em que todos os elementos envolvidos trocavam ideias sobre o bom/ mau funcionamento do projeto e das atividades desenvolvidas, conscientizando todos os intervenientes dos problemas e soluções inerentes ao projeto.

Depois deste encontro de reflexão sobre o decorrer do projeto, os pontos referidos e pensados em grande grupo eram transportados para uma fase de pequeno grupo, em que a equipa do Vazio Visível analisava e repensava a planificação e agenda do projeto conforme o discutido anteriormente.

As duas grandes fases do Projeto (apresentação dos trabalhos) culminavam sempre num momento específico de inauguração, com exposições, concertos,

workshops e performances que se estenderiam até uma dada altura, combinada entre artistas, professores e alunos a intervirem no Projeto nessa altura.

No fim de cada uma das fases do projeto existia sempre um encontro destinado aos envolvidos no projeto, alunos, artistas e professores de modo a fazer um balanço das atividades, para perceber o que até então teria funcionado, o que seria necessário melhorar, ter conhecimento de novas propostas e de concluir o trabalho realizado até ao momento.

AS FASES DO PROJETO VAZIO VISÍVEL

1.ª FASE DO PROJETO VAZIO VISÍVEL – “INAUGURAÇÃO DO PROJETO VAZIO VISÍVEL”

Em novembro de 2014, nós enquanto estagiárias e a professora cooperante, a professora Marina Lima Pinho, propusemos uma reunião com a Vereadora da Cultura de Espinho, Doutora Leonor Lêdo da Fonseca, acerca do Projeto Vazio, para percebermos até que ponto conseguiríamos levar avante o projeto pensado por nós, de intervenção e ocupação artística, com os nossos alunos de Oficina de Artes, do 12.º ano, da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira.

Em dezembro de 2014, uma equipa-base constituída por professores desta Escola, a professora Marina Lima Pinho e o Professor Alberto Lírio, a Diretora desta Escola, Doutora Ana Gabriela, o Presidente do Concelho Executivo, Doutor Jorge Teixeira, e nós as, estagiárias, Diana Reis e Inês Pinto, juntamo-nos para reunir com o Presidente da Câmara de Espinho de modo a dar conhecimento do projeto à autarquia de forma a conseguirmos apresentar todos os objetivos que pretendíamos alcançar com esta proposta e perceber quais os procedimentos a tomar para que este projeto pudesse ter seguimento.

Durante o mês de janeiro de 2015 a equipa-base foi comunicando e convocando alunos, ex-alunos, professores, ex-professores da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira e artistas interessados em ingressar num projeto como o Vazio Visível. Ao longo deste mês foram-se encontrando ideias em comum sobre o que haveria de crescer a partir do Mercado Diário de Espinho.

Durante este mês a equipa do Vazio Visível foi-se reunindo e partindo em visitas aos armazéns da Câmara Municipal de Espinho para tentar encontrar materiais e mobiliário que fosse possível reutilizar neste projeto, já que o espaço que tínhamos disponível se encontrava completamente vazio.

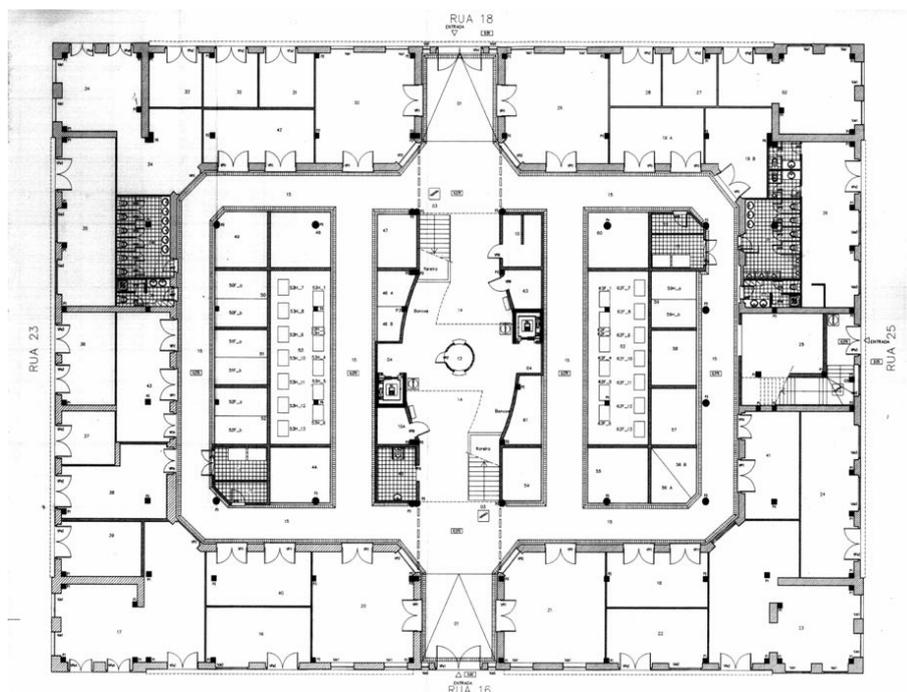


Figura 1 – Planta do Rés do Chão do Mercado Diário de Espinho

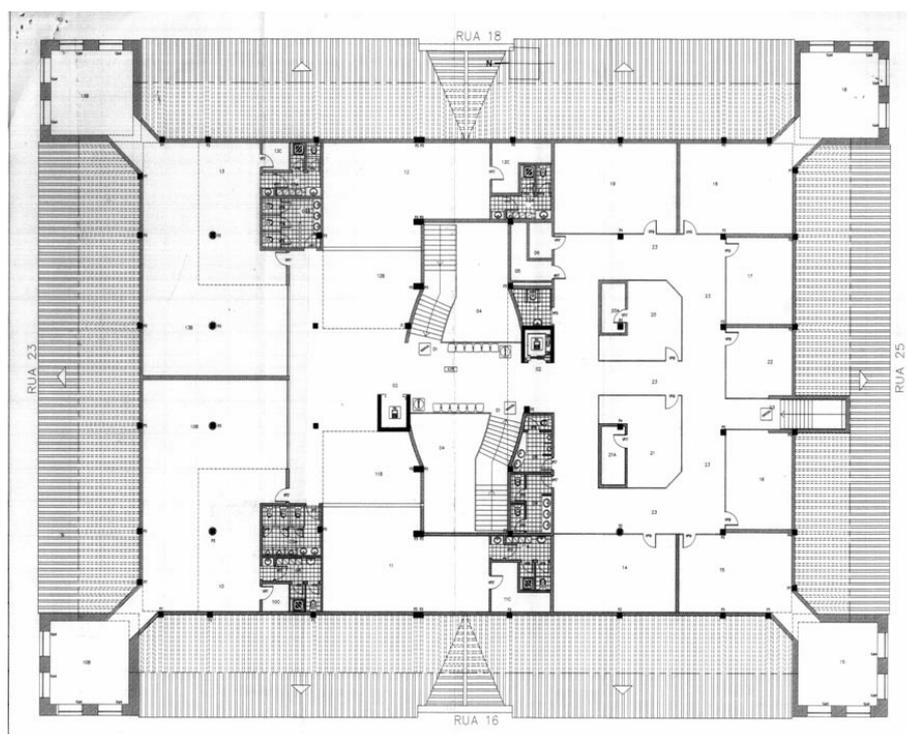


Figura 2 – Planta do 1.º Andar do Mercado Diário de Espinho

Em fevereiro de 2015 foi assinado um protocolo entre o Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira e a Câmara Municipal de Espinho, onde se celebrava a união destas duas instituições com o objetivo de dinamizar o

Mercado Diário de Espinho com intervenções, exposições, residências artísticas, workshops, concertos e performances por parte de alunos, professores e artistas a participar no projeto.

Nesta 1.^a fase, o projeto iniciou com uma residência artística do artista e ex-professor desta Escola, Victor Amador, com o atelier “Areias do Mar”, onde o artista se aproveitou de um espaço destinado à venda do peixe que se encontrava ao abandono e reaproveitou-o para a exposição dos seus trabalhos em aguarelas, os seus trabalhos de origami e onde foi possível observá-lo a pintar ao vivo, em aguarela.



Figura 3 – Atelier “Areias do Mar” durante um Workshop de Aguarela dinamizado pelo artista Victor Amador, no Mercado Diário de Espinho

Logo desde o início deste projeto foi possível criar uma atividade regular, denominada “Música Sem Telhado”, onde vários alunos davam pequenos concertos para os comerciantes e visitantes que se encontravam no Mercado, tentando criar a ligação entre a escola e os seus habitantes e neste caso, o Mercado e os seus habitantes, criando uma fusão de gerações e culturas musicais, algumas transversais, outras geracionais, que criou uma ligação entre o rés-do-chão onde se encontravam os comerciantes e o 1.^o andar onde se encontrava a maior parte das intervenções, nesta 1.^a fase.

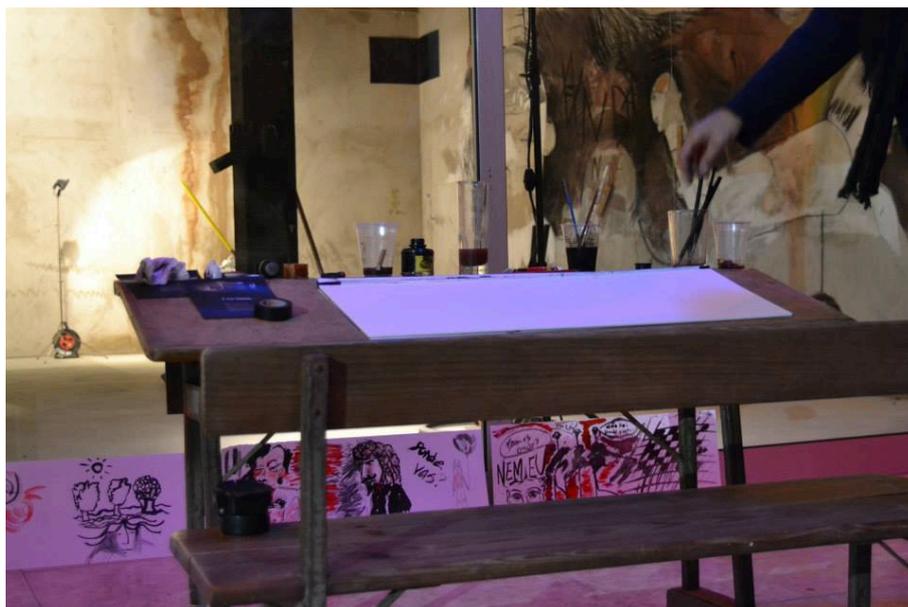


Figura 4 – Fotografia da Inauguração da 1.ª Fase do Projeto Vazio Visível no Mercado Diário de Espinho

A equipa do Vazio Visível tomou parte também num estudo sobre a imagem gráfica (Anexo 2) a adotar pelo projeto, em estreita colaboração entre professores, estagiárias e alunos, que mostrassem interesse em desenvolver algum trabalho neste campo do grafismo do projeto. (Anexo 2)

Em Março de 2015 aconteceu a inauguração do Projeto Vazio Visível, num evento aberto ao público e publicitado tanto pelas instituições que celebraram o protocolo como por todos os media local.

Nesta inauguração foram apresentadas exposições/ intervenções como:

- “Vazio Visível/ Tornar Visível/ OGN”, dos artistas Ícaro e Stratos, onde trabalharam questões como a dicotomia entre o tudo e o nada, pensando a própria dicotomia que o nome do projeto representa;
- “Esboços”, do artista José Ferreira, onde expõe trabalhos de desenho rápido e de diário gráfico;
- “Fábula”, uma exposição/ instalação de fotografia de alunos do curso de Audiovisuais onde se apresentava uma interpretação da fábula de Leonardo da Vinci,
- “A Pedra e o Caminho”, estudando noções de paraíso urbano e a sua relação com a natureza e a Criação;

- “Séries Etéreo” e “Quimera”, da artista Joana Bernardo, onde se veem criações de imagens que iludem o espaço, questionando o próprio espaço, o tempo e em alguns trabalhos, a profundidade;
- “5 Sentidos”, uma instalação vídeo de ex-alunos da Universidade Católica do Porto, José Ferreira, Paulo Castro, Igor Silva e Ana Lobão, onde os 5 sentidos são traduzidos através de elementos líquidos;
- “Encaixotes”, uma instalação de vídeo/ animação e exposição de desenhos do artista Hugo Rocha, um *loop* de animação onde o artista tenta caricaturar a não valorização do individual;
- “Travessia”, “Corpo Velho vs Corpo Novo” e “Polvos e Lulas”, instalações da artista Sónia Rocha, que trabalhou questões relacionais com a construção do ser e da vida;
- “Máscaras”, uma instalação de fotografias e trabalhos de alunos do 6.º ano da Escola Secundária D. Manuel Laranjeira;
- “Fotografias”, uma exposição de fotografias do artista João Pádua;



Figura 5 – Fotografia da Exposição “Vazio Visível/ Tornar Visível/ OGN”, dos artistas Ícaro e Stratos, no Mercado Diário de Espinho

- E várias exposições de desenhos realizados por alunos desta escola que através de professores ou por iniciativa própria tiveram a curiosidade de se

deslocar ao Mercado Diário de Espinho e descobrir o potencial deste espaço para intervir e ocupar, artisticamente.



Figura 6 – Fotografia de alunos do 12.º de Artes Visuais a realizar as suas intervenções artísticas no espaço do Mercado Diário de Espinho

Nesta inauguração contamos também com uma atuação do Grupo Gímnico do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira e um DJ Set, da dupla “Shuggah Lickurs”, alunas da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, que animou este evento.

Durante esta 1.ª fase do projeto fomos também contactados pelo canal televisivo RTP2, para participarmos no programa “Portugal em Direto”, para darmos a conhecer este projeto que envolvia a comunidade escolar e ao mesmo tempo a comunidade de vendedores e compradores dos mercado.

Nota - Links da entrevista:

<http://www.rtp.pt/play/p1754/e187622/portugal-em-direto>

<http://www.rtp.pt/play/p1754/e187622/portugal-em-direto/417185>

Durante o mês de Abril foi realizado um workshop de imagem animada, “Transversal”, conduzido pela artista Tânia Duarte que proporcionou a todos os

interessados e aos alunos em particular uma experiência de descoberta com a imagem animada mas também pela exploração da exposição dos artistas Ícaro e Stratos e pela exploração, também, do ambiente dos comerciantes, das suas bancas e do quotidiano destes nas suas vendas, utilizando fotografias e gravações feitas por eles para culminar num pequeno filme de animação.

Durante este mês foi também organizado um evento chamado “Sopa de Pedra - Conversas de Nada e Coisa Nenhuma”, onde os alunos, professores, artistas, comerciantes e comunidade em geral se juntaram para refletir sobre o conceito do Nada vs. Tudo, do Vazio vs. o Cheio, do Visível vs. o Invisível, e onde foi possível, mais uma vez, proporcionar a todos os intervenientes e em especial aos alunos experiências que caso o projeto não existisse não lhes seria possível serem proporcionadas em contexto escolar e de sala de aula devido ao tempo por si só já demasiado reduzido para a quantidade de carga de trabalho que os professores e alunos são obrigados a desenvolver para responder a um programa curricular.



Figura 7 – Atuação do guitarrista “Riscas”, da Lucky Stripes, durante o evento “Sopa de Pedra – Conversas de Nada e Coisa Nenhuma”, realizado no Mercado Diário de Espinho

Durante esta 1.º fase do Projeto Vazio Visível, que correspondeu aproximadamente ao 2.º Período do ano letivo, nós enquanto estagiárias desenvolvíamos um trabalho, neste primeiro momento, em contexto de sala de aula, com os alunos do 12.º ano, para quem este projeto foi pensado, para que na 2.º fase do projeto eles pudessem integrar a equipa de intervenientes a ocupar o espaço do Mercado Diário de Espinho.

Para trabalharmos este projeto com os alunos de Oficina de artes, foi-nos pedido para elaborarmos a proposta de trabalho “Vazio Visível” (Anexo 3), que consistia na planificação de uma unidade de trabalho que se prolongaria até ao fim do ano letivo e integraria na sua metodologia de projeto, o Projeto Vazio Visível.

Esta proposta de trabalho partiu de um modelo de metodologia projetual já predefinido pela professora cooperante e foi reformulado e adaptado ao tipo de trabalho a desenvolver, tendo sido dividida em etapas como identificação do problema, brainstorm, investigação e pesquisa, ensaios compositivos, solução final e concretização do projeto.



Figura 8 – Fotografia da atividade de Brainstorm realizada pelos alunos do 12.º de Artes Visuais na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira

Nesta planificação pareceu-nos importante, ao mesmo tempo que explanávamos a metodologia de trabalho que deveria ser seguida pelos alunos já que seria por esta planificação que seriam avaliados pela professora cooperante, expor aos

alunos as ligações do que iríamos fazer com o que estava explícito no programa a trabalhar nesta unidade curricular.

Ao mesmo tempo que íamos explanando os temas ou conteúdos ditados no programa da disciplina, como a “linguagem plástica: conceitos de linguagem, elementos estruturais da linguagem plástica, materiais, suportes e instrumentos”, “técnicas de expressão e representação: modos de formar”, “projeto e objeto: conceito de projeto, o projeto como sistema de relações transversais, do projeto ao objeto e metodologias de projeto”, fomos interligando estes com os objetivos específicos a atingir com esta proposta de trabalho.

Na identificação do problema foi proposto aos alunos dinamizarem um espaço vazio (no Mercado Diário de Espinho) através da construção de uma instalação/intervenção no espaço que transformasse a realidade atual do mercado num espaço criativo, ou seja, que através destes trabalhos artísticos fosse possível modificar o contexto espacial onde seriam trabalhadas de modo a recriar uma nova realidade, ainda que diferente da realidade de mercado, subaproveitada até então.

Na fase do brainstorm foi dinamizada com os alunos uma atividade onde se tentavam definir, questionar e desbloquear determinadas questões e conceitos inerentes ao problema anteriormente identificado, a partir de grupos organizados de alunos. Alguns dos conceitos trabalhados foram o que poderia ou não ser para eles o conceito de Arte, o conceito de Mercado, o conceito de Espinho e o conceito de instalação/ intervenção no espaço.

Nesta análise conjunta, foi criada uma dinâmica em que a turma se subdividia em dois grupos e onde contrastavam as suas respostas face ao sim/ não respetivo a cada conceito. Esta dinâmica surgiu de modo a tentar criar com os alunos um mote para a realização da proposta de trabalho, de forma a que fosse possível pensarem nos conceitos pertinentes a este trabalho.

De seguida, os alunos desenvolveram um trabalho de investigação e pesquisa, também em grupo, de artistas e obras que os podiam influenciar no seu trabalho de construção da instalação/ intervenção no espaço.

A partir desta pesquisa, os alunos desenvolveram um trabalho individual, de esboços de uma instalação/ intervenção que gostariam de realizar no espaço do Mercado Diário de Espinho.

O trabalho obrigatório, a ser apresentado no 2.º período, consistia na construção de uma maquete representativa da ideia que cada um teria estudado para o espaço que escolheu para o seu trabalho.

Neste 1.ª fase, os alunos trabalharam nesta proposta “Vazio Visível” só em contexto de sala de aula devido às autorizações necessárias dos encarregados de educação para que estes se pudessem deslocar ao exterior da sala de aula para aulas de campo, no entanto no 3.º período o trabalho já foi todo desenvolvido no Mercado Diário de Espinho, em conjunto com as múltiplas atividades e montagens que foram também acontecendo ao longo desse tempo.

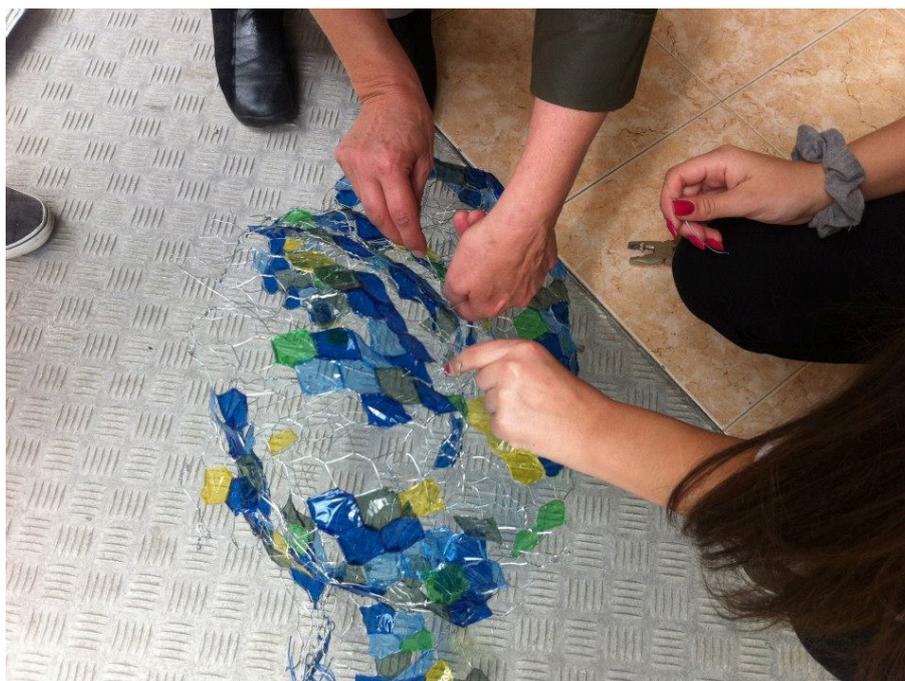


Figura 9 – Fotografia da construção de uma das maquetas realizadas pelos alunos do 12.º ano de Artes Visuais (instalação artística a realizar no Mercado Diário de Espinho)

2.^a FASE DO PROJETO VAZIO VISÍVEL – “(RE)ABERTURA DO PROJETO VAZIO VISÍVEL”

A segunda fase do projeto consistiu numa renovação não só da equipa-base de trabalho que constituía o Projeto Vazio Visível, mas também de todas as atividades que tinham vindo a ser desenvolvidas neste espaço assim como todas as intervenções e exposições que aí estavam de modo a ser possível albergar o maior número de iniciativas naquela área.

Ao criarmos a segunda fase do projeto possibilitamos uma renovação de exposições, workshops, performances, etc.

A troca de vivências, experiências e métodos de trabalho que o Projeto Vazio Visível tornou “visível” a todos, possibilitou aos alunos tomar conhecimento de diferentes formas de estar e trabalhar, com o máximo de indivíduos tornando assim o seu percurso final no ensino secundário o mais rico possível, tanto a nível pessoal, como académico e artístico.

Esta segunda fase inaugurou com um novo evento, em Maio de 2015, com novas intervenções/ exposições de artistas como:

- Nek Qtwo, com um mural realizado num espaço não-ocupado de venda de flores;
- A artista Constança Araújo Amador, com uma residência artística na área da ilustração em pintura a aguarela;
- O artista José Ribeiro com “Pensamentos à Deriva”, uma instalação artística, reapropriando-se da instalação anterior dos artistas Ícaro e Stratos e adaptando-a ao seu trabalho, criando uma simbiose de trabalhos e de pensamento que partiam de um mesmo ponto, o Vazio visível, e resultavam numa interpretação completamente diferente;
- Os artistas Carla Estrada e Ricardo Gomes, com uma residência artística, o RomãDesign na área do design e com projetos com o Mercado Diário de Espinho como mote e a Lucky Stripes, com montagem, exposições e música ao vivo de guitarras construídas através do reaproveitamento de caixas de charutos;

- O artista e professor da Escola Dr. Manuel Laranjeira, Alberto Lírio, em colaboração com a Cooperativa Nascente, com “Fenaquistoscópio” e “Zoetrope” fez uma mostra de brinquedos óticos;
- O artista Carlos Eduardo Moreira apresenta “Garbade Design” com candeeiros criados a partir de objetos que aparentemente teriam terminado o seu ciclo de vida;
- A artista Josefina Dias com “Incisões”, uma instalação que trabalha a natureza;
- O artista e professor da Escola Dr. Manuel Laranjeira, Meireles de Pinho, com a instalação “Terceiro Andamento e Variações com Negro” onde explora conceitos como a repetição e a transformação;
- A artista Susana Alves dos Reis, que apresenta a exposição “Trenodia”, desenhos onde explora, principalmente, a figura do corpo feminino;
- A artista Dulce Castro, com “Sem rede”, uma instalação onde explora a rede como material essencial;
- Alunos da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto que apresentam uma exposição de trabalhos, “Artistas em desenvolvimento”, com o intuito de invadir um espaço do Mercado;
- Os alunos do curso de Áudio Visuais expõe “Natumana”, uma coleção de sobreposições de fotografias que tentam representar o interior do indivíduo;



Figura 10 – Fotografia de “Natumana”, coleção de montagens fotográficas realizadas por alunos do curso de Áudio Visuais do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira no Projeto Vazio Visível, no Mercado Diário de Espinho

- As Bibliotecas do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira em conjunto com alguns professores da área de Artes Visuais apropriam-se também de um espaço para realizar uma instalação denominada de “Fora da estante” e onde, ao mesmo tempo, apresenta um programa de atividades a desenvolver no espaço do Mercado Diário de Espinho, com alunos deste agrupamento, de modo a trazer a escola e a sua comunidade ao interior do mercado e levá-los a conviver com o dia a dia deste espaço.

Neste evento foi apresentado uma coleção de postais e camisolas/ t-shirts que pretendiam fazer a ligação entre o trabalho artístico, mostrando criações gráficas que pretendiam brincar com os vários elementos presentes no mercado (a carne, o peixe, as frutas, as flores...) e mostrar a comunidade espinhense, tornando pública esta coleção, os produtos disponíveis a adquirir neste espaço.



Figura 11 – T-shirts criadas no âmbito do Projeto Vazio Visível a acontecer no Mercado Diário de Espinho

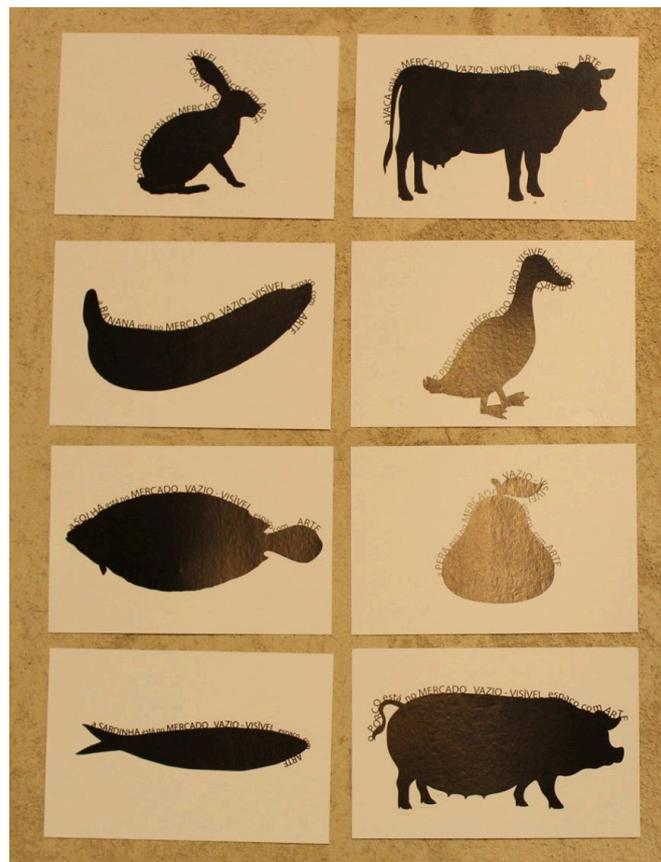


Figura 12 – Coleção de postais criados no âmbito do Projeto Vazio Visível a acontecer no Mercado Diário de Espinho

Nesta segunda apresentação ao público contamos também com a presença de uma aluna de Artes Visuais da Escola Dr. Manuel Laranjeira com uma exibição de dança contemporânea, ligando assim, de uma outra forma os alunos e a dinâmica daquele espaço. Existiu também uma nova apresentação do Grupo Gímnico deste Agrupamento que trouxe também ao mercado alunos dos vários anos letivos desta escola, proporcionando assim uma interação não só entre a comunidade escolar e a comunidade do mercado, mas também proporcionando a ligação entre a comunidade em geral interessada em assistir a estas dinâmicas divididas pelas várias áreas do mundo artístico.

Foi também, nesta inauguração que contamos com a presença de um DJ, professor nesta escola, e de uma atuação de Tukentuks (instrumentos de percussão) que mais uma vez proporcionou aos intervenientes uma ligação diferente entre indivíduos, nunca passível de ocorrer em contexto escola.

Neste decorrer da segunda fase foram acontecendo também várias atividades como a “Hora do Conto” que chamou também ao mercado faixas etárias que não seriam habituais naquele espaço, o que dinamizou tal intervenção, workshops como Workshop de Aguarela dinamizado pelo artista Victor Amador, realizado nos espaços de venda esvaziados pelo tempo, com alunos do 12.º ano de Artes Visuais desta escola, o Workshop de Ilustração dinamizado pela professora Graça Tavares, com alunos da Escola Sá e Couto, escola do Agrupamento Dr. Manuel Laranjeira, o Workshop de Leituras com sabor a chocolate, dinamizado pela professora Emília, no contexto do Clube de Chocolate, existente na escola também, que pretendeu mostrar o trabalho realizado pelos alunos participantes aos utentes deste mercado, e um Workshop de Gastronomia Espanhola, organizado pelo grupo de espanhol dos Agrupamentos de Escola Dr. Manuel Gomes de Almeida e Dr. Manuel Laranjeira, proporcionando assim uma ligação entre agrupamentos escolares daquela cidade, que mais uma vez traziam o núcleo escolar ao mercado de variadas formas e em variadas áreas dinamizando e trabalhando num contexto diferente do habitual, no meio do comércio tradicional.



Figura 13 – Fotografia do Workshop “Leituras com sabor a chocolate”, dinamizado no âmbito do Projeto Vazio Visível, no Mercado Diário de Espinho

A Lucky Stripes, uma das residências artísticas do Projeto Vazio Visível organizou um pequeno concerto neste espaço, no âmbito do Festival 4500, anual na cidade de Espinho, o que levou a apropriação deste espaço como local de concertos, até então ignorada pela cidade de Espinho para tal propósito.

O auge nesta fase do projeto foram as mais variadas intervenções realizadas por vários alunos da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, que alguns por iniciativa própria se juntaram para realizar determinadas intervenções no espaço disponível do mercado, se apropriaram para transformar aquele espaço num espaço destinado à arte, e os alunos do 12.º ano de Artes Visuais, alunos estes para os quais este projeto teria sido pensado, tiveram a oportunidade de trabalhar, de forma estrita, e num mesmo espaço, com todos os artistas a intervir naquele espaço, realizaram as suas intervenções no espaço/ instalações artísticas, respondendo assim, também, à sua proposta de trabalho “Vazio Visível”.

Nesta segunda fase do projeto estes alunos tiveram a oportunidade de repensar as suas maquetas realizadas e trabalhadas individualmente durante o 2.º período e passar agora para uma fase de trabalho de grupo, em que adaptavam o trabalho até então realizado, pensando em questões pertinentes como tempo

disponível, espaço disponível e recursos disponíveis como materiais e mão de obra.

Esta fase foi importante para os alunos na medida em que se foram deparando com problemas inerentes a um contexto diferente com o qual eles próprios teriam que lidar e resolver para que fossem capazes de terminar o seu trabalho em conformidade com o que lhes era pedido.

Desta proposta de trabalho resultaram quatro instalações artísticas que ocuparam quatro espaços distintos no Mercado Diário de Espinho, uma delas no espaço comum central de passagem no interior do mercado, outra num corredor da ala sul do mesmo, outra num espaço comercial fechado, anteriormente utilizado como peixaria e no momento ao abandono e a última num espaço comercial aberto anteriormente destinado à venda de flores mas que no momento também se encontrava ao abandono.



Figura 15 – Fotografia de uma das instalações artísticas realizadas no Mercado Diário de Espinho, pelos alunos do 12.º ano de Artes Visuais da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira

A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO PROJETO VAZIO VISÍVEL

AS ESTAGIÁRIAS, OS ALUNOS E OS PROFESSORES

A posição como estagiária, a desenvolver o seu estágio pedagógico num ambiente como o do Projeto Vazio Visível valorizou, em termos de experiências, muito mais do que era de esperar quando o projeto foi pensado e projetado. Foi possível transpor a barreira do ensinar como “transmissão de conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 2008), convivendo e trabalhando num ambiente propício à reflexão sobre a prática tornando cada indivíduo crítico face ao que vai presenciando.

O impacto deste trabalho, enquanto estagiária num contexto de estágio pedagógico, permitiu perceber que não é necessário somente responder ao programa curricular de cada disciplina, com propostas de trabalho a serem desenvolvidas dentro da sala de aula, para ser possível proporcionar aos alunos experiências consideravelmente educativas e de crescimento pessoal e curricular.

Apesar desta experiência poder ser considerada pouco ortodoxa no que diz respeito aos métodos de trabalho utilizados exigiu por parte das estagiárias e dos professores que no início a pensaram, uma capacidade de interligar tudo o que é exigido a nível curricular mas trabalhá-lo de forma a tornar-se em algo que fosse apelativo aos alunos e também, de forma diferente, ao docentes que nela participaram.

Este projeto, apesar de talvez não ser passível de ser realizado de forma similar em todos os contextos e anos escolares devido à sua essência experimental, mostrou sim, ser possível, dinamizar projetos diferentes, assentes em objetivos diferentes, capazes de dinamizar sujeitos provenientes de vários contextos sociais com um objetivo comum de fazer crescer o núcleo cultural de uma sociedade em que está inserido, recorrendo de igual forma ao ensinamentos escolares obrigatórios em cada programa curricular.

Esta experiência tornou-se um trabalho colaborativo entre os professores, os alunos e os artistas para além do típico encontrado nas escolas de ensino

formal. É habitual encontrarmos nas escolas um ensino centrado num domínio abstrato dos saberes apreendidos o que não permite aos alunos estabelecer a sua relação com a vida quotidiana. Foi possível, neste espaço que permitia e respeitava a autonomia de cada indivíduo, constatar a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” (Freire, 2008), permitindo a todos os envolvidos, com especial importância aos alunos, um crescimento a partir do fazer.

Tendo existido a oportunidade de conceptualizar e montar exposições, intervenções e muitas mais atividades diversas aprofundou-se uma manifestação estética e intelectual muito mais complexa devido à necessidade de se pensar e interligar todas estas intervenções para que resultassem num determinado fim planeado e projetado.

Foi possível perceber que não existe a necessidade da hierarquização vincada que existe nas escolas para que o respeito hierárquico que se denota necessário exista, mas sim que seja possível que esta necessidade se torne terciária face a todos os outros objetivos necessários à construção de um indivíduo inserido num meio escolar.

Os professores, nós estagiárias e os artistas tivemos a oportunidade de explorar atividades muito mais desafiadoras trabalhando o conceito de projeto para “possibilitar aos alunos o desenvolvimento de estratégias globalizadoras de organização dos conhecimentos escolares, mediante o tratamento da informação” (Freire, 2008), trabalhando conceitos estéticos e intelectuais, escutando as questões dos alunos, apoiando as mais diversas experimentações de materiais para desenvolverem as suas propostas de trabalho, fazendo com que os próprios fossem experimentando e aprendido pelos seus próprios ensaios.

Barbosa & Coutinho (2008, p. 306) dizem que “seria útil considerar as condições sob as quais escolas e comunidades ativam o seu próprio desenvolvimento dos conhecimentos”. As rotinas dos alunos fazem com que o interesse pelo que é estudado e visto se comece a desmoronar tornando cada vez mais difícil captar o seu interesse.

A sensibilização dos alunos, desde o início, para a oportunidade que teriam de desenvolver o seu trabalho artístico, “transgredindo a visão do currículo escolar centrado em disciplinas, entendidas como fragmentos empacotados em compartimentos fechados, que oferecem ao aluno algumas formas de conhecimento que pouco têm a ver com o problemas dos saberes fora da Escola” (Hernández, 1998), partilhando o seu espaço com artistas conceituados e alguns seus conhecidos, proporcionou-lhes o desafio de mostrar à comunidade, aos utentes do Mercado, a todos os outros alunos, aos comerciantes, aos artistas e, não menos importante, aos professores que eram capazes de responder e “estar à altura” de tal desafio, participando intervindo “ativamente nas decisões e ações relacionadas com a planificação e a avaliação das atividades que se desenvolv(eram)” (Guerra, 2002) durante todo o período de intervenção artística que o Projeto Vazio Visível proporcionou.

“É certo que a participação é um processo e uma tarefa que exigem tempo. Não há experiência de participação. Criar um clima em que a colaboração, a confiança, a comunicação e a motivação façam parte do tecido cultural da organização é uma tarefa que exige tempo e constância.” (Guerra, 2002)

O desenvolvimento das intervenções partiu de questões lançadas com o intuito de despertar neles uma curiosidade relativamente aos contornos que aquele trabalho poderia ter. Questões como “O que é a Arte para ti? O que não é a Arte para ti? O que é uma instalação/ intervenção artística? O que não é uma instalação/ intervenção artística? O que é um Mercado? E o que não é? O que representa para vocês a cidade de Espinho? E o que não representa?”, levaram os alunos a desbloquear adjetivos, ligações, características, que num primeiro momento foram ignoradas ou passadas para segundo plano.

Consoante a experiência do professor (Anexo 4) que, para além de fazer parte integrante da equipa do Vazio Visível, foi também um professor a participar ativamente com os seus alunos, dinamizando aulas de história da arte utilizando as exposições e as intervenções como ponto de partida, este (o professor)

descreve a sua experiência como “assustadoramente experimental” mas como algo inédito, transversal e desafiante a toda a comunidade participante.

Foi muito importante ver professores de várias áreas, das artes e das ciências, à matemática, ao desporto e à restauração, encontrarem-se e procurarem formas de poderem participar neste projeto arriscado e perigoso devido à sua descontextualização escolar, traduzindo a “correlação entre arte e comunidade como uma forma de olhar, uma forma de compreender, uma forma de problematizar” (Cruz H. , 2015) todos e quaisquer saberes que o programa apresenta e que o professor pode desconstruir, adaptando-o a cada “percurso singular” (Hernández, 1998).

O corpo docente participante entendeu o objetivo base do projeto de levar a escola à comunidade, de dar a possibilidade aos alunos de através de contactos com outras realidades exteriores à escola “experimentarem o futuro” trabalhando em estreita cooperação com profissionais/ artistas de várias áreas, de trabalhar em *site specific* (no próprio espaço a desenvolver a intervenção), em trabalho colaborativo, numa “multiplicidade de possíveis” interligações entre todas as representações presentes.

Foi possível reconhecer o esforço à fuga dos programas curriculares como uma “organização de saberes numa determinada sequência” (Alves, 2004), sendo que no contexto de trabalho que o Projeto proporcionava se exigia a todos os intervenientes uma capacidade de reapropriação de todos esses conhecimentos de modo a responder ativamente aos constantes desafios que se iam apresentando.

Em relação à dimensão avaliativa exigida no contexto escolar foi algo observado ao longo de todo o processo já que todos os professores que foram passando pelo projeto tiveram que responder à instituição escola sobre o porquê das atividades desenvolvidas naquele contexto e sobre que relevância poderia ter aquelas atividade poeriam ter no crescimento curricular dos alunos e claro que toda a questão avaliativa assim como classificativa esteve presente.

Apesar dos alunos estarem num contexto diferente do habitual, trabalhando fora do contexto de sala de aula, iniciaram o seu trabalho com uma proposta de trabalho (Anexo 3) com uma metodologia que apresentava, desde o início

objetivos a cumprir para poder retirar todos os conhecimentos e saberes pretendidos.

Partiu da observação dos professores e das estagiárias perceber o que ao longo do tempo foi sendo atingido pelos alunos para depois perceber até que ponto foram atingidas as metas inicialmente propostas, tanto para o trabalho dos alunos como para o trabalho dos docentes a realizar com os mesmo. No entanto, no fim do projeto, foi sempre pedido a todos os envolvidos que realizassem uma avaliação do trabalho desenvolvido para que fosse possível, a partir daí responder a dimensão da avaliação e da classificação obrigatória a nível curricular.

Mais especificamente em relação ao Projeto Vazio Visível, o projeto foi reconhecido como tendo feito um ótimo trabalho na reabilitação do espaço ocupado mas admitindo que muito ficou por fazer relativamente à modificação de hábitos e mentalidades, para ser possível devolver e dar sentido à interação entre a comunidade e a escola.

Os alunos foram o elemento mais absorvido pelo projeto porque tudo o que lhes era proposto se apresentava como uma experiência completamente nova, coberta de inúmeras possibilidades, em que estes não sabiam em que posição se colocar, já que se situavam fora do contexto escolar, mas onde continuavam a trabalhar com os seus professores e profissionais na área das artes.

Estes conseguiram perceber de início que o projeto foi pensado e planificado para que fossem os primeiros a retirar o máximo de todas as experiências proporcionadas naquele espaço.

Foi notória a reticência em trabalhar num contexto e num ambiente completamente diferentes, onde eram confrontados com várias dificuldades técnicas que eles procuravam responder, começando a inserir-se no meio envolvente e tentando perceber o seu funcionamento para que, até para benefício próprio, conseguissem retirar o máximo de experiências positivas.

Os alunos (Anexo 4) perceberam a oportunidade de usufruir daquele espaço, permitindo a participação de todos aqueles que tinham interesse, traduzindo-se assim numa experiência única para todos.

Sentiram que toda a comunidade escolar aderiu ao projeto e que os comerciantes apoiaram todas as atividades realizadas, estando sempre prontos a participar, nem que fosse como meros espectadores e ocupantes do espaço, naquele momento ocupado por nós, Projeto Vazio Visível.

OS ARTISTAS, OS COMERCIANTES E OS VISITANTES

Os artistas, neste projeto, tiveram um papel fundamental, na medida em que se dispuseram a participar numa iniciativa completamente experimental, de trabalho cooperativo num desenvolvimento e melhoramento constante de competências tanto a nível profissional como pessoal.

Estes mostraram-se completamente disponíveis para trabalhar em torno do espaço e das condições que o mesmo oferecia, encarando-o até como uma mais valia em termos de exploração conceptual e artística, quase como uma tela em branco.

Todos eles encararam o projeto como algo promissor, sobressaindo pela sua originalidade na relação entre o artista e o público, pondo-os num mesmo patamar, de convivência e troca de experiências constante.

Foi importante perceber também que, mesmo estes artistas (Anexo 4), alguns já conceituados, se preocupavam com o lado pedagógico do projeto, que tentavam oferecer aos alunos uma experiência inserida no mundo real de trabalho, onde não só expunham como produziam no próprio espaço, convivendo com possíveis futuros colegas da área e ao mesmo tempo proporcionando-lhes a experiência de conviver com o feedback constante do público relativamente ao seu trabalho, não só tendo conhecimento da obra final mas também de todo o processo de trabalho, já que o espaço era aberto a toda a comunidade.

Outras das representações bastante interessantes de ser observadas foram os comerciantes (Anexo 4) ocupantes daquele espaço. A maioria sem qualquer ligação ao mundo artístico, mostraram-se rendidos ao projeto e à dinâmica entre o seu trabalho diário e o trabalho estudantil, tendo quase que adotado, tanto estudantes como artistas, como vizinhos de um espaço que até então era deles mas que o sentiam, também, mal aproveitado e ao abandono.

É importante referir que foi perceptível para eles a mudança naquele espaço, uma consciência que algo de novo e diferente poderia ter acontecido, e que poderia também ser promissor de uma mudança positiva naquele lugar que pelo menos não esteve desocupado durante o tempo que o Vazio Visível aí permaneceu.

Relativamente à última grande representação presente no Projeto, podemos referir-nos ao público. Indivíduos oriundos de diferentes locais e contextos, com diferentes vivências e diferentes expectativas relativamente ao que esperavam do que ali se apresentava.

Tivemos “visitantes” (Anexo 4) com um percurso académico na área artística, tivemos famílias e utentes do mercado a visitar-nos, professores e ex-professores dos vários agrupamentos de escolas da cidade de Espinho, tivemos órgãos administrativos de várias instituições, tivemos novos e velhos, da cidade de Espinho e arredores.

Perceberem que a experiência desenvolvida, por intermédio deste projeto, tinha a capacidade de albergar todas as intervenções que ali se propunham e que este facto foi reconhecido por quem nos visitou, foi importante na medida em que ficou explícita a intenção de ocupação artística, em que o espaço era de quem o trabalhasse, que o projeto também pretendia.

CONCLUSÃO

O Projeto Vazio Visível contribuiu para um crescimento dos alunos não só enquanto indivíduos, que pensam e idealizam uma maneira de estar e pensar pessoal e artístico mas também como artistas prestes a ingressar num nível superior de ensino que, com certeza, lhes exigirá uma maior mutação nas suas capacidades de trabalho e de adaptação face ao ambiente que têm disponíveis.

Foi muito importante trabalhar com os alunos num contexto fora da sala de aula, em que as hierarquias que se impõem numa instituição como a Escola se tornam quase transversais devido ao trabalho colaborativo que este Projeto exigia. Os alunos foram capazes de evoluir trabalhando conjuntamente com artistas que lhes foram transmitindo conhecimentos a nível do saber pensar e do saber fazer num contexto em que lhes era quase imposto um modo de pensar e atuar diferente da Escola face ao desafio que tinham em mãos. Ou seja, num espaço em que eram convidados a trabalhar e a intervir artisticamente os alunos foram desafiados a criar algo que fizesse crescer o projeto e que, ao mesmo tempo, se interligava com propostas apresentadas para “responder” ao pedido pelo programa curricular da disciplina de onde partiu o Projeto.

A relação criada entre alunos, professores e estagiários permitiu um trabalho mais aprofundado tanto a nível de relações pessoais como profissionais já que ao mesmo tempo que todos estes se iam conhecendo e percebendo as suas formas de pensar e atuar face ao desafio imposto foram encontrando formas de trabalhar conjuntas, em que todos trabalhavam com um mesmo objetivo, num mesmo espaço e com uma mesma atitude, a de construir algo que interviesse naquele espaço devoluto, desenvolvendo competências a nível artístico, pessoal e profissional.

Durante o projeto Vazio Visível foi possível lidar com vários “habitantes” desta iniciativa, desde docentes, ex-docentes, artistas, ex-alunos e atuais alunos que mostraram, ao longo do tempo, as várias formas de encarar e de trabalhar num ambiente de projeto, voluntário e ao mesmo tempo comunitário. Segundo Barbier (1993)

“os projetos pedagógicos são uma via privilegiada de ação para todos os que investigam uma transformação dos sistemas de formação e que pensam que esta transformação passa também pela paciente realização de mudanças muito concretas, com uma amplitude muitas vezes limitada, mas implicando na sua condução os atores diretamente interessados e tocando-os nas suas atividades quotidianas”.

Segundo este mesmo autor, num percurso de trabalho de projeto podem existir diferentes vertentes de des(en)volvimento:

- na “investigação e no desenvolvimento”, onde são identificados os elementos presentes nas situações em estudo que pretendem promover uma mudança – produção de informação; a análise das dinâmicas implicadas, dos processos sociais gerais ou dos processos de formação propriamente ditos – produção de saberes; produção de representações relativas à condição de mudança – investigação/ ação.

- no “poder”, onde os agentes participantes se tornam envolvidos, num domínio mental em relação ao seu passado e à sua situação atual; uma relação de poder em relação aos seus próprios itinerários.

- na “coerência”, uma articulação entre o quotidiano e o desejado; articulação entre os planos pedagógicos, administrativo, de formação, investigação, documentação, gestão ou ainda a nível individual, de articulação entre experiências de formação contínua, experiências profissionais e experiências sociais.

Conseguir, de certa forma, extravasar as fronteiras da instituição escola, levar os alunos a trabalhar fora do seu espaço físico e, ao mesmo tempo, verem-se confrontados, com um mesmo espaço de trabalho e de criação com artistas profissionais, das mais diversas áreas, conhecerem vários métodos de trabalho, de atelier e de organização, foi uma conquista para alguém exterior a ocupar a sua posição de estagiária.

Conseguir mostrar a professores e órgãos diretivos da Escola Dr. Manuel Laranjeira o quanto poderia ser importante para os alunos de Artes Visuais participarem num projeto como o Vazio Visível de modo a expandir o seu currículo, proporcionando a oportunidade de desenvolverem trabalho de campo fora do contexto escola, sendo “obrigados” a conviver num espaço para eles estranho até então, proporcionar-lhes a oportunidade de interligar conhecimentos de outras disciplinas com as vivências de artistas a trabalhar no mesmo espaço, resultou num desenvolvimento não só a nível artístico, como conceptual e pessoal de cada aluno incluído neste projeto.

Ideologicamente, na investigação e no desenvolvimento, o percurso do projeto é muitas vezes traduzido como dinamismo, progresso, movimento, abertura, de mais valia; no poder, é sinónimo de liberdade, autonomia, tomada de poder, redução de incertezas, recusa do determinismo; na coerência, globalidade, transversalidade, elaboração de sentidos, rigor, racionalidade e funcionalidade.

O projeto é a combinação dos meios que permitem atingir o objetivo final fixado e supõe, a nível afetivo, a existência de um desejo de produção de uma mudança, e implicam motivações para a ação

Em termos didáticos, este projeto facilitou o ensino das artes visuais já que proporcionou aos alunos uma convivência direta com vários *modus operandi* com métodos e técnicas de trabalho que sem uma experiência em que fosse possível partilharem o mesmo espaço de trabalho, seria impossível obterem.

Foi importante também, a nível pedagógico, tomarem a consciência do nível profissional de trabalho que a sua área exige, de se depararem com críticas de um público que nenhuma relação têm com eles que criticarão e opinarão acerca do seu trabalho sem qualquer condicionante.

Foi muito importante, mesmo a nível científico terem tido a oportunidade de desenvolver trabalho artístico num espaço físico diferente do da sala de aula ou da escola já que um espaço com as dimensões e com as características que o Mercado Diário proporcionava, obrigava a pensar em escalas e em soluções diferentes de uma proposta de trabalho desenvolvida a nível de sala de aula.

Foi possível perceber que iniciativas como estas, que proporcionam experiências multigeracionais e multiculturais, conseguem agregar várias áreas de desenvolvimento, tanto culturais, sociais, urbanísticas, pessoais, etc.

Foi gratificante perceber como um espaço daqueles desbravado é capaz de passar a representar e albergar tantas experiências, convivendo harmoniosamente numa troca de vivências.

Perceber que um projeto a nível artístico, fora de um espaço “normalmente” ligado às artes é capaz de produzir e dinamizar eventos, a um nível de qualidade reconhecido já por terceiros, torna todo o percurso e todos os indivíduos parte integrante do sucesso que todos os que o conhecem, reconhecem no Projeto Vazio Visível.

BIBLIOGRAFIA

Abreu, J. G. (2005). Arte pública e lugares de memória. *Revista da Faculdade de Letras* , pp. 215-234.

Alves, R. (2004). *Gaiolas ou Asas*. Porto: Edições ASA.

Augé, M. (1992). *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: Graus Editora.

Barbier, J.-M. (1993). *Elaboração de Projectos de Acção e Planificação*. Porto: Porto Editora.

Barbosa, A. M., & Coutinho, R. G. (2008). *Arte/ Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora UNESP.

Castro, L. B., & Ricardo, M. M. (1994). *Gerir o trabalho de projecto: um manual para professores e formadores*. Lisboa: Texto Editora.

Cortesão, L., Leite, C., & Pacheco, J. A. (2002). *Trabalhar por projectos em Educação. Uma inovação interessante?* Porto: Porto Editora.

Cruz, C. (2005). Arte Pública. *Margens e Confluências* , 8, 9, 10, 11 e 13.

Cruz, H. (2015). *Arte e Comunidade*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.

Freire, P. (2008). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

Gonçalves, L., & Alírio, E. (2005). *Programa de Oficina de Artes; 12.º ano; Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais*. Lisboa: Ministério da Educação - Direcção geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Greene, M. (1982). *Public Education and the Public Space*. Columbia: Columbia University: Teachers College.

Guerra, M. Á. (2002). *Os desafios da participação: Desenvolver a democracia na Escola*. Porto: Porto Editora.

Hernández, F. (1998). *Transgressão e mudança na Educação. Os projectos de trabalho*. Porto Alegre: ArtMed Editora.

Hernández, F., & Ventura, M. (1998). *A organização do currículo por projectos de trabalho. O conhecimento é um caleidoscópio*. Porto Alegre: ArtMed Editora.

Leite, E., Malpique, M., & Santos, M. R. (1991). *Trabalho de Projecto: Aprender por projectos centrados em problemas*. Porto: Edições Afrontamento.

Palma, C. M. (2011). *moving1 Questão de Espaço. Diálogo de intervenção artística site-specific com a cidade e o público*. Algarve: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Arte na Educação*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

WEBGRAFIA

Mazetti, Henrique Moreira. *Intervenção urbana: representação e subjetivação na cidade*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0682-1.pdf>. (20/06/2015)

Thorn, Catharina. *Spotcity: a arte e a política do espaço público*. Disponível em: <http://sociologico.revues.org/435> (26/06/2015)

ANEXOS

ANEXO 1 - MATRIZ DA SINOPSE A ENTREGAR AO PROJETO VAZIO VISÍVEL

GUIÃO DA SINOPSE DO PROJETO “VAZIO VISÍVEL”

Cada participante no Projeto deverá, com a brevidade possível, apresentar uma proposta (via e-mail), à Equipa Vazio Visível, a qual num primeiro momento deverá constar de uma sinopse, referindo os seguintes aspetos:

1. Tipo de trabalho e respetiva componente estética;
2. Conceito e objetivos;
3. Espaço necessário e regime de utilização;
4. Periodização;
5. Outras particularidades: materiais, horários, parcerias, segurança...

Após aceitação da proposta, será marcada uma reunião com os intervenientes a fim de esclarecer os aspetos necessários à sua implementação.

Num segundo momento deverá ser apresentado um texto de apresentação do projeto com vista à sua consulta pública.

E-MAIL de contacto: vaziovisivel.mercadoespinho@gmail.com

NOTA: Informamos que o Projeto “Vazio Visível” é um projeto sem fins lucrativos

ANEXO 2 - IMAGEM GRÁFICA DO PROJETO VAZIO VISÍVEL



vazic visível
mercado diário de Espinho
um espaço a ocupar pela Arte



ANEXO 3 - PLANIFICAÇÃO DA PROPOSTA DE TRABALHO “VAZIO VISÍVEL”

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

A temática do projeto *Vazio Visível* incide na lógica de que sendo o Mercado um espaço comunitário, à partida “vivido”, tem a dualidade de coexistir fisicamente e funcionalmente de forma distinta. Ou seja, é perceptível que está vazio por quem o conhece, imperceptível à comunidade que o rodeia, tornando-se pouco útil.

Tema(s)/ Conteúdo(s)	Objetivos	Metodologia	Materiais, Suportes e Instrumentos	Áreas de desenvolvi- mento do Projeto
<p><u>LINGUAGEM PLÁSTICA</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Conceitos de Linguagem: <ul style="list-style-type: none"> ◦ Sistemas sígnicos; ◦ Signo verbal e icónico; ◦ Signos, símbolos e sinais. - Elementos estruturais da linguagem plástica: <ul style="list-style-type: none"> ◦ Ponto/Linha; ◦ Valores texturais; ◦ Valores lumínicos; ◦ Valores cromáticos. - Materiais, Suportes e Instrumentos: <ul style="list-style-type: none"> ◦ Materiais – origens e composição; ◦ Suportes – características, dimensões e funções; 	<p><u>Objectivos Gerais</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre a atualidade das Artes Visuais; - Desconstruir a ideia de que a Arte apenas se encontra em locais “apropriados” à sua exposição; - Desenvolver um sentido de iniciativa própria na construção permanente da sua cidade; - Potenciar o Mercado como um espaço de encontro da comunidade; 	<p><u>METODOLOGIA PROJETUAL</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ <u>Identificação do Problema</u> <p>Dinamização de um espaço vazio através da instalação / intervenção no espaço, com projetos artísticos concetuais que transformem a realidade atual do mercado num espaço criativo, personalizando-o através de ideias, da imaginação, da contestação, do sentido crítico, e na relação tempo/ espaço/ humanidade.</p> <div style="text-align: center;">  <p>'Clutch VI' - Antony Gormley, 2011</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Choko Ho'ol - Penique Productions, 2011</p> </div>	<ul style="list-style-type: none"> - Diário Gráfico e/ou Caderno de Registos 	

<p>Instrumentos – características e funções</p> <p><u>TÉCNICAS DE EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO</u></p> <p>- Modos de formar:</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ Especificidades; ◦ Inter-relações; ◦ Metodologias. 	<p>- Proporcionar trocas de experiência e cultura, convívio, interação e partilha;</p> <p>- Intervir e dinamizar espaços do Mercado Diário de Espinho.</p> <p><u>Objetivos Específicos</u></p>	 <p>LIKEarchitects, Lisboa, 2012</p> <p>◦ <u>Desenvolvimento do Projeto</u> (Processo de Trabalho)</p> <p><u>Brainstorm</u></p> <p>- Desenvolvimento de um brainstorm, em grupo, com o intuito de definir, questionar e desbloquear questões iminentes ao problema.</p>	<p>- Rolo de papel de cenário;</p> <p>- Canetas de filtro;</p> <p>- Marcadores;</p> <p>- Post-it's;</p> <p>- Fita-cola de papel;</p> <p>- Máquina Fotográfica;</p> <p>- Tripé (facultativo);</p> <p>- Telemóvel/ Gravador (facultativo).</p>	
<p><u>PROJECTO OBJECTO</u></p> <p>- Conceito (s) de Projeto</p> <p>- O Projeto como sistema de relações transversais a várias áreas</p> <p>- Do Projeto ao Objecto</p> <p>- Metodologias do Projeto</p>	<p>- Identificar, em obras pesquisadas, os elementos estruturais da linguagem plástica que nelas são determinantes, bem como os efeitos expressivos que daí resultam;</p> <p>- Desenvolver capacidade de leitura e análise dos modos de formar do objecto artístico;</p> <p>- Reconhecer nas propriedades físicas</p>	<p>- Pesquisa de campo através de observação, entrevistas e questionários aos comerciantes locais e à comunidade envolvente. Pretende-se, com esta atividade, que os alunos entendam as diferentes representações que os entrevistados têm dos espaços, objetos, lojas e do nosso possível papel na futura dinamização do Mercado (Que palavras associam ao Mercado? Como o veem? O que significa?.) Os resultados obtidos deverão estar visíveis para a recorrente consulta ao longo do desenvolvimento do projeto.</p> <p><u>Investigação e Pesquisa</u></p> <p>Apresentação de aula: 20 de Janeiro de 2015 (1.º Turno) e 22 de Janeiro de 2015 (2.º Turno)</p> <p>- Pesquisa e reflexão, em grupo, sobre artistas plásticos, da atualidade, que desenvolvam projetos artísticos e que integrem a</p>	<p>- Pesquisa em livros, revistas artísticas, revistas específicas, entre outros documentos;</p> <p>- Internet.</p> <p>Suportes (a definir com os alunos)</p> <p>- papéis de vários formatos e texturas (A5/ A4/ A3/ A2)</p> <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grafites; - Estilógrafos; 	<p>- Desenho;</p> <p>- Pintura;</p> <p>- Colagem;</p> <p>- Escultura;</p> <p>- Arquitetura;</p> <p>- Instalação;</p> <p>- Intervenção no espaço;</p> <p>- Cinema;</p> <p>- Performance;</p> <p>- Multimédia;</p> <p>- Design Gráfico;</p>

<p>dos suportes e instrumentos, factores determinantes na definição da obra gráfica/plástica;</p> <p>- Entender o ato/processo criativo como espaço de cruzamento de diversas condicionantes físicas e concetuais;</p> <p>- Entender o Projeto como uma realidade múltipla e multifacetada;</p> <p>- Experimentar, de forma orientada, fases e itinerários de formulação do Projeto;</p> <p>- Conceptualizar e estruturar um Projeto;</p> <p>- Desenvolver conceitos como instalação e intervenção</p> <p><u>REPRESENTAÇÃO EXPRESSIVA E REPRESENTAÇÃO RIGOROSA DAS FORMAS E DO ESPAÇO</u></p> <p>- Representação expressiva</p> <p>- Sistemas de Representação</p>	<p>instalação/ intervenção no espaço (entre 40 a 50 imagens de diferentes artistas).</p> <p>- Pesquisa sobre a história e factos interessantes acerca do Mercado Diário de Espinho (máximo 10 slides). Esta pesquisa permitirá aos alunos um maior conhecimento sobre a cultura visual atualmente, dando a conhecer novos artistas nas áreas a desenvolver, assim como factos acerca do Mercado Diário de Espinho que possam trazer interesse ao desenvolvimento do projeto.</p> <p style="text-align: center;"><u>Ensaaios Compositivos</u></p> <p>- Estudo e análise das áreas de exploração (Desenho, Pintura, Colagem, Escultura, Arquitetura, Instalação, Intervenção no Espaço, Cinema, Performance, Multimédia, Design Gráfico, Street Art, Fotografia, etc.) e de técnicas, instrumentos, suportes, materiais (individual e em grupo).</p> <p>- Exploração de soluções inovadoras para o desenvolvimento do trabalho nas áreas da instalação e da intervenção no espaço (individual e em grupo).</p> <p>- Realização de estudos formais e cromáticos de hipóteses para a concepção do projeto final (individual e em grupo).</p> <p style="text-align: center;"><u>Solução Final</u></p> <p>- Seleção da solução plástica mais interessante e adequada em termos de harmonia/equilíbrio de forma a integrar todos os elementos compositivos da intervenção e/ ou instalação final (individual e em grupo).</p>	<p>- Sérias;</p> <p>- Pastel de óleo;</p> <p>- Aguarelas;</p> <p>- Tinta da china;</p> <p>- Tintas de acrílico;</p> <p>- Fita cola;</p> <p>- Tesouras;</p> <p>- Desperdícios;</p> <p>- Tecidos;</p> <p>- Arames;</p> <p>- Pasta de moldar;</p> <p>- Plásticos;</p> <p>- Cordas;</p> <p>- Redes;</p> <p>- Fitas adesivas;</p> <p>- Materiais recicláveis ;</p> <p>Suportes:</p> <p>- papéis de vários formatos e texturas (A5/ A4/ A3)</p> <p>Materiais:</p> <p>- Grafites;</p> <p>- Estilógrafos;</p> <p>- Sérias;</p> <p>- Pastel de óleo;</p> <p>- Aguarelas;</p> <p>- Tinta da china;</p>	<p>- Street Art;</p> <p>- Fotografia;</p> <p>(...)</p>
--	--	--	--

<p>rigorosa</p>	<p>o no espaço; - Explorar conceitos de modelação e modulação do espaço.</p>	<p>- Maquete de uma proposta de instalação e/ ou intervenção no espaço (individual e em grupo).</p> <p style="text-align: center;"><u>Concretização do Projeto</u></p> <p>- Maquete de uma proposta de instalação e/ ou intervenção no espaço (em grupo). - Concretização do projeto final (em grupo). - Explicitação fundamentada de todo o projeto (metodologia projetual) e autoavaliação.</p> <p>- Representação expressiva e rigorosa dos espaços do Mercado Diário de Espinho e das instalações/ intervenções nele existentes.</p> <p style="text-align: center;"><u>Entrega de Trabalhos</u></p> <p>13 de Fevereiro de 2015 (Trabalho em grupo)</p> <p>1. Dossiê digital: Powerpoint sobre a pesquisa de artistas plásticos que desenvolvam trabalhos na atualidade (séc. XXI) e que integrem a instalação e/ ou intervenção no espaço, 2. Dossiê digital: Powerpoint sobre a pesquisa da história e factos interessantes sobre o Mercado Diário de Espinho.</p>		
-----------------	--	--	--	--

	<p>- Desenvolver competências nos domínios da representação bi e tridimensional;</p> <p>- Explorar técnicas de representação expressiva e rigorosa do espaço e das formas que o habitam;</p>	<p>26 de Fevereiro de 2015 (Trabalho individual)</p> <p>3. Capa de estudos, esboços e maquetes</p> <p>4. Dossiê digital: Powerpoint com o registo fotográfico de toda a metodologia projetual (estudos, esboços e maquetes)</p> <p>5 de Maio de 2015 (Trabalho em grupo)</p> <p>5. Trabalho final para exposição no Mercado</p> <p>22 de Maio de 2015 (Trabalho em grupo)</p> <p>6. Capa de estudos, esboços e maquetes</p> <p>7. Dossiê digital: Powerpoint com o registo fotográfico de toda a metodologia projetual (estudos, esboços e maquetes) e do trabalho final.</p> <p>8. Diário gráfico e/ ou caderno de registos.</p> <p>29 de Maio de 2015 (Trabalho individual)</p> <p>9. Desenhos de representação expressiva e rigorosa do espaço do Mercado e das formas que o habitam.</p> <p>Envio dos documentos para: artesvisuais.desenho.oficinas@gmail.com</p>		
<p>AValiação PROCESSUAL</p> <p>AValiação</p>	<p>- Desenvolvimento de competências de pesquisa, recolha e experimentação de materiais;</p> <p>- Capacidade de leitura e análise de imagens;</p> <p>- Domínio dos meios de representação;</p>			

<p>FORMATIVA</p> <p>AVALIAÇÃO SUMATIVA</p> <p>AUTOAVALIAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Invenção criativa aplicada a trabalhos e projetos; - Envolvimento e capacidade de integração no trabalho individualmente e em grupo; - Empenho no trabalho realizado e persistência na aprendizagem; - Aquisição e compreensão de conhecimentos; - Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações.
<p><u>PROFESSORA:</u> Marina Lima Pinho</p> <p><u>PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS DO MEAV:</u> Diana Reis e Inês Pinto</p>	

CALENDARIZAÇÃO DO PROJETO

<u>Atividade</u>	<u>Data Prevista</u>
Brainstorm + Exercício do Chaveiro (Dinâmicas de Grupo)	6 de janeiro de 2015 (1.º Turno) 8 de janeiro de 2015 (2.º Turno)
Apresentação da Planificação do Projeto + Apresentação da Pesquisa da Professora e Estagiárias	13 de janeiro de 2015 (1.º Turno) 15 de janeiro de 2015 (2.º Turno)
Apresentação da Pesquisa dos Alunos	20 de janeiro de 2015 (1.º Turno) 22 de janeiro de 2015 (2.º Turno)
<p>Visita de Campo/ Aula Aberta ao Mercado Diário de Espinho</p> <p>Realização de Esboços e Estudos (Individual)</p> <p>Realização de uma Maqueta do Projeto (Individual)</p>	<p>27 de janeiro de 2015 (1.º Turno)</p> <p>29 de janeiro de 2015 (2.º Turno)</p> <p>3 de fevereiro de 2015 (1.º Turno)</p> <p>5 de fevereiro de 2015 (2.º Turno)</p> <p>10 de fevereiro de 2015 (1.º Turno)</p> <p>12 de fevereiro de 2015 (2.º Turno)</p> <p>19 de fevereiro de 2015 (2.º Turno)</p> <p>24 de fevereiro de 2015 (1.º Turno)</p>
Speed Dating (Dinâmica de Grupo) + Realização de Esboços e Estudos (Grupo)	26 de fevereiro de 2015 (2.º Turno)

Realização da Maqueta do Projeto Final (Grupo)	<p>3 de março de 2015 (1.º Turno)</p> <p>5 de março de 2015 (2.º Turno)</p> <p>10 de março de 2015 (1ª Turno)</p>
<p>Concretização do Projeto Final (Grupo)</p> <p>Montagem das Instalações e Intervenções no Espaço (Grupo)</p>	<p>12 de março de 2015 (2.º Turno)</p> <p>17 de março de 2015 (1.º Turno)</p> <p>19 de março de 2015 (2.º Turno)</p> <p>7 de abril de 2015 (1.º Turno)</p> <p>9 de abril de 2015 (2.º Turno)</p> <p>14 de abril de 2015 (1.º Turno)</p> <p>16 de abril de 2015 (2.º Turno)</p> <p>21 de abril de 2015 (1.º Turno)</p> <p>23 de abril de 2015 (2.º Turno)</p> <p>28 de abril de 2015 (1.º Turno)</p> <p>30 de abril de 2015 (2.º Turno)</p> <p>5 de maio de 2015 (1.º Turno)</p>
<p>Semana das Artes (9 a 16 de Maio)</p> <p>Representação expressiva e representação rigorosa das formas e do espaço</p>	<p>12 de maio de 2015 (1.º Turno)</p> <p>14 de maio de 2015 (2.º Turno)</p> <p>19 de maio de 2015 (1.º Turno)</p> <p>21 de maio de 2015 (2.º Turno)</p>
Avaliação + Autoavaliação	<p>26 de maio de 2015 (1.º Turno)</p> <p>28 de maio de 2015 (2.º Turno)</p>
Dinâmica de Grupo	<p>2 de junho de 2015 (1.º Turno)</p> <p>4 de junho de 2015 (2.º Turno)</p>

ANEXO 4 – COMENTÁRIOS DAS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES AO PROJETO VAZIO VISÍVEL

ALUNO

Na minha perspetiva de Aluna participante no projeto “Vazio Visível” esta iniciativa foi sem dúvida uma ideia fantástica que promoveu não só as Artes em si, mas também a Cidade de Espinho e o espaço do Mercado Diário de Espinho.

A ideia de preencher um espaço “vazio” tão comum entre as pessoas no seu dia a dia fez do Projeto uma das melhores intervenções Artísticas mas também Sociais que a cidade de Espinho já observou. Esta iniciativa fez com que artistas, comerciantes, alunos, professores e pessoas que estavam habituadas a frequentar o mercado diariamente, se juntassem num espaço anteriormente vazio mas agora recheado de arte, vida e novos frequentadores que não estavam habituados a ver o espaço do mercado cheio de cor, arte e vida.

Por ser um projeto idealizado para que todos pudessem participar ativamente, mas especialmente para ser ocupado por instalações e intervenções artísticas, este trouxe vários tipos de projetos artístico e artistas de todos os tipos, no espaço do mercado ao longo do Projeto pudemos encontrar instalações feitas por alunos, professores e artistas vindos de fora, mas também de alguns artistas locais, estes projetos iam desde graffites, até desenho, pinturas, fotografia, instalações, entre outros.

Para quem via de fora este projeto deixava as pessoas um pouco reticentes ao principio, pois era uma ideia totalmente diferente do habitual e num espaço fora do comum, mas depois de conhecerem o projeto as pessoas aderiam com grande facilidade e no final ficavam satisfeitas com o que viam. Para mim que estive dentro do projeto e participei ativamente na iniciativa foi uma experiência única, uma aprendizagem enorme, e um prazer trabalhar com todos os que estiveram envolvidos no projeto, O Vazio Visível abriu portas á criatividade e permitiu a participação de todos num projeto que inicialmente não passava de uma ideia criada dentro da escola.

Relativamente á dinamização de todo o Projeto penso que devemos frisar que o objectivo foi mais que cumprido, a comunidade escolar aderiu de corpo e alma ao projeto, os comerciantes abraçaram a causa e a cidade de espinho ficou mais rica tanto a nível artístico como cultural, pois parecendo que não o projeto também serviu para dinamizar o Mercado Diário de Espinho que estava um pouco “esquecido pela cidade”.

“Um espaço vazio mas agora muito mais cheio” é a minha definição para o Mercado de Espinho depois deste projeto.

Por fim, acho que posso e deve acrescentar um enorme agradecimento ás duas pessoas que trouxeram até mim esta maravilhosa experiência as nossas estagiárias Diana e Inês.

PROFESSOR

Como membro da equipa VV quase desde início, devo dizer que se tratou de um real desafio! A perplexidade perante o absurdo do Vazio encontrado no MDE, a grande dimensão e pluralidade dos espaços e a premência em lhe dar sentido(s) são ainda hoje presentes, não só porque o que foi conseguido apenas provou que os dados encontrados não eram incontornáveis, mas principalmente porque o que poderá vir a concretizar-se no futuro, caso se encontrem as condições para tal, implica trabalhar esses mesmos dados, a saber:

. um objeto urbano quase inexistente, no mapa mental do espaço urbano de muitos espinhenses, parcialmente inútil e ao abandono, a “desvalorização” do mercado e dos comerciantes; a ausência de atividade artística e cultural no seio do espaço público e escassa ligação efetiva desta área de ensino à sociedade e a clara necessidade de dar aos alunos a possibilidade de, através de contactos com realidades exteriores à “escola”, terem experiências de expansão do currículo ...

O esforço da equipa foi enorme... O Projeto tornou-se maior que nós.... E de repente eis nos com uma responsabilidade social que não havíamos avaliado bem antes...

Limpar, carregar, montar, telefonar escrever, convencer, reunir, reunir, reunir...discutir, pensar...

E eis que estávamos na 1ª inauguração: imprensa, Presidente de C.M. de Espinho, TV, bastante público... a casa “cheia”.... O vazio estava, parecia-nos a ser preenchido....

Mas era só uma semente germinar... Tudo o resto estava por continuar... Esse foi sempre o desafio- manter o MDE frequentado normalmente, tão diariamente quanto possível... Isso mostrou-se uma utopia, mas que sempre perseguimos... Mais tarde já apareciam pessoas à quinta de tarde para ouvir o violino e o canto de uma aluna ecoar pelo mercado, ou apenas para encontrar sentido para o fim de tarde.

E sentia-se que uma identidade em torno, e daquele lugar podia estar a ganhar existência...

Todos os espaços ocupados, artistas de referência, diversas atividades - desde música, ginástica, cinema de animação- os comerciantes curiosos... tudo isto era no entanto um pequeno grande êxito impensável para todos, 2 meses antes!

De facto esta iniciativa foi experimental até ao fim... assustadoramente experimental em certas fases! Todos os envolvidos se confrontaram com experiências radicalmente novas, preenchendo vazios físicos, sócio culturais e humanos e o enorme vazio ia –se humanizando e habitando de objetos, móveis, obras de arte, trabalhos de alunos, música, contadores de histórias e oficinas de chocolate e comida espanhola...em permanentes ensaios de reconstrução de sentidos para um quase não lugar.

Primeiro foi a definição da Marca VAZIOVISÍVEL e o estudo participado, polémico até, da sua imagem. Depois a comunicação: redes sociais, imprensa , TV, um site, cartazes... e a seguir a verificação de a mensagem era pouco eficaz....

Hoje o VV irá ser marca registada, uma vez que ganhou identidade própria.

Ficou uma experiência inédita, transversal e desafiante da comunidade; expuseram-se obras entre bananas e flores, ocuparam-se espaços entre talhos e viram-se sorrisos de esperança em comerciantes desalentados e perplexos com o que se ia passando. Há 10 anos que ninguém ia lá acima, diziam...Cheirava apodre e estalactite pingavam... Horas a fio de suor e esforço continuado e fora de horas trouxe festas de inauguração simultânea de exposições em todos os espaços... e até uma sopa de pedra os artistas cozinharam com o que todos trouxeram.

Ali passou a haver aulas de desenho, e outras...experimentando-se uma expansão do currículo. Houve quem visse nisto tudo algo de arriscado , perigosa a descontextualização do espaço escolar... mas ali alunos trabalharam em site específico, e contactaram com artistas e públicos e aventuramo-nos todos a explorar a multiplicidade de possíveis numa cidade meio adormecida e em crise demográfica.

A semente deu frutos, pequenos mas saborosos. Muitos mais poderá dar....

Muito mais terá de ser feito, especialmente na escola para modificar hábitos e mentalidades acomodadas, para devolver vitalidade e autenticidade à via artística e dar sentidos ao nosso dia a dia em interação com a envolvente e com a comunidade.

Haja meios e vontades...

ARTISTA

Integrar um projeto como o Vazio Visível é gratificante. O objetivo do projeto, uma série de intervenções num espaço vazio que pretende recuperar a vitalidade e comunicar com o público é desde já um projeto promissor. Aliado a isso ao facto de apresentarem diversos acontecimentos de índole artística, das mais variadas áreas, num espaço comum como o Mercado Diário de Espinho é surpreendente. Existe a preocupação da união entre criativos e o público. O andar superior do Mercado é ocupado pelos diversos artistas, quer em instalações, exposições, residências artísticas, concertos e performances em simultâneo com o funcionamento do Mercado, o talho, a frutaria, a peixaria e a florista, no andar inferior. A curiosidade e a amabilidade como fui recebida, enquanto artista que expus no primeiro ciclo de inaugurações, é reconfortante. Apesar de uma exposição de arte contemporânea, tanto o público como os nossos vizinhos comerciantes apareciam, visitavam e até questionavam o meu trabalho - o que é muito gratificante.

O projeto foi-me apresentado por uma das fundadoras do projeto, a Diana Reis, e era visível o potencial deste. Germinado da sua preocupação para com os seus alunos do secundário de artes em ajudá-los a fazerem a passagem da escola para o mundo real, colocá-los em contato com criativos, interagir com a comunidade em geral e revelar o que lhes espera o futuro.

Foi um projeto muito bem recebido pela cidade, apresentaram vários acontecimentos artísticos que decorreram em simultâneo com artistas de variadas áreas e idades. Um projeto que ecoou pela sua originalidade na nova abordagem de aproximação do autor e do destinatário. Cultivar a arte e criar situações para que isso aconteça é importante.

Com poucos recursos financeiros, mas com a dedicação o projeto inaugurou e cresceu. Um projeto bem sucedido com um propósito necessário que atingiu para além da comunidade espinhense.

Parabéns Diana e Inês pelo grande projeto e um obrigada pelo convite para integrar esta gratificante experiência.

COMERCIANTE

Olá! Sou explorador de uma loja do Mercado Municipal de Espinho, local onde foi instalado um projeto artístico denominado por VAZIO Visível. Durante o tempo que este projeto esteve patente, que foram várias semanas, ouvi comentários principalmente dos meus cliente, uns de curiosidade outros mais interessados artisticamente, mas todos conscientes que algo de diferente se passava, elogiando a iniciativa. Eu pessoalmente gostei muito do que foi feito. Foi interessante divertido ver o trabalho estudantil interagido com o nosso trabalho diário. Quanto ao Vazio que hoje é Visível, outrora foi cheio e ponto de referencia para o consumo local e não só. Atualmente os hábitos mudaram e está na moda comprar nas grandes superfícies atraídos por grandes promoções, desvalorizando o atendimento personalizado. De minha parte agradeço sinceramente a alegria que trouxeram ao mercado, e voltem sempre que este espaço é também vosso.

VISITANTE

Já conhece o espaço onde foi feito o Projeto Vazio Visível?

Então ainda vai a tempo de o conhecer!

Foi um momento de sorte alguém se lembrar deste espaço com mais de 10 anos de abandono e desprezo, ver este local antes e o agora, e perguntar o porquê de tanto tempo ao abandono, onde agora se vêem exposições tão espetaculares, da intervenção à pintura, da fotografia à performance.

É motivo de orgulho um espaço como este, na cidade de Espinho, chamado Mercado Diário de Espinho, e ao mesmo tempo, é com muita tristeza que vemos, depois de uma intervenção camarária onde todos os projetos e mais alguns cabiam nesta dinamização, poderem continuar a ser concretizados.

Vamos cidade de Espinho! Vamos arregaçar as mangas e dar continuidade à possibilidade de este espaço continuar a ser ocupado como foi até agora pelo Projeto Vazio Visível.

Parabéns!!